



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO**

**CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2019**

**MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO**

**CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana Vieira de Sousa

**CAJAZEIRAS – PB  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

R484c Ribeiro, Maria Alane Oliveira.  
Cultura fotográfica no Distrito Felizardo - CE (1930 - 2000) /  
Maria Alane Oliveira Ribeiro. - Cajazeiras, 2019.  
89f. : il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Cultura fotográfica - Distrito de Felizardo - CE. 2. Fotografia.  
3. História oral. 4. Memória. 5. Fotografia - fonte histórica.  
I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina  
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 77(813.1)

MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO

CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)

APROVADA EM: 09/12/2019

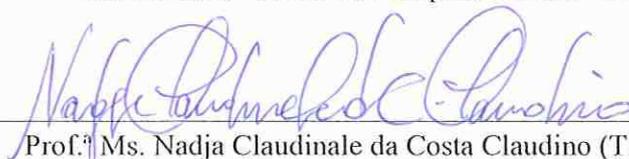
BANCA EXAMINADORA



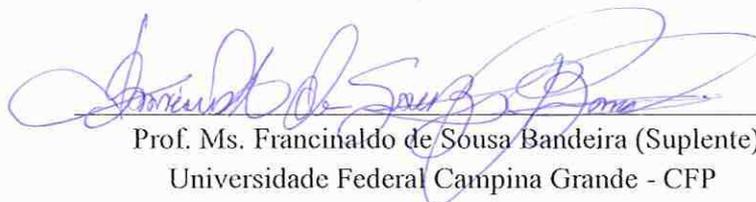
Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana Vieira de Sousa (Presidente)  
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

*FFS de Neto*

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto (Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande - CFP



Prof.<sup>ª</sup> Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino (Titular)  
Secretaria de Educação do Estado da Paraíba



Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira (Suplente)  
Universidade Federal Campina Grande - CFP

CAJAZEIRAS-PB  
2019

*Dedico à minha mãe, Maria Cícera, às minhas irmãs, Maria Irinalda e Maria Amanda, à minha orientadora, Silvana Vieira de Sousa, e a Geraldo Araújo Rolim (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado motivação para continuar nos momentos difíceis. E também à minha família: mãe e irmãs.

À minha orientadora, Dra. Silvana Vieira de Sousa, à qual tenho muita admiração por ela e seu trabalho. Adorava suas aulas durante o curso. Muito obrigada pelas sugestões em todas as etapas da pesquisa, dedicação, serenidade, paciência, disponibilidade, generosidade, e por sempre me tratar com carinho e atenção. Não tenho palavras que sejam suficientes para te agradecer.

Algumas pessoas foram importantes para o acesso às fontes do Distrito Felizardo. Meus agradecimentos especiais a cada um por me receberem em suas casas com muito carinho e sempre disponíveis a ajudar, pelo acesso às fotografias e por concederem depoimentos: ao fotógrafo Geraldo Biana dos Santos, ao querido amigo Felizardo Guedes Vieira, à querida amiga Joaquina e seus familiares, à querida amiga e simpática Josefa Pires Dias, à simpática Maria Flaucineide Vieira, que ajudaram imensamente com seu conhecimento.

A algumas amigas que foram companheiras, sempre com diálogos de motivação, em especial: Maria de Fátima Assis Bezerra, e Amanda de Sousa Rodrigues, que foi uma companheira durante a pesquisa das fontes, que sempre esteve disponível para conversarmos nos momentos difíceis e me motivou a fazer pesquisa no Distrito de Felizardo-CE.

A todos que trabalham na Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. E a todos os professores e professoras que contribuíram para minha formação acadêmica.

Fica aqui minha gratidão aos que participaram direta e indiretamente na realização desse trabalho.

*Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.*

Boris Kossoy, 2001

## RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo, Ipaumirim-CE, entre os anos 1930-2000, discutindo a relação entre história e fotografia, buscando compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais. O estudo se encaminha a partir da compreensão de fotografia como fonte histórica, sendo valiosa para o historiador por ser produto social e cultural e por isso conter sentidos e significados sociais e culturais nas esferas individuais e coletivas. Para analisar a fotografia em suas construções culturais e subjetivas no Distrito de Felizardo (1930-2000), o referido estudo se apoia em perspectivas como as de Kossoy (2001), Canabarro (2005), Turazzi (1998) entre outros pesquisadores relevantes no campo historiográfico. Do ponto de vista metodológico, tornou-se importante o uso da História Oral a partir de um conjunto de entrevistas realizadas com moradores do distrito.

**Palavras-chave:** Cultura Fotográfica, História Cultural, História Oral, Memória, Distrito Felizardo.

## **ABSTRACT**

This study aims to understand the photographic culture in Felizardo District, Ipaumirim, Ceará, Brazil, between 1930-2000, discussing the relation between history and photography, seeking to understand photography inserted in a network of individual and social meanings. The study is based on the understanding that photography is a historical source, being valuable to the historian because it is a social and cultural product and, therefore, contains social and cultural meanings in the individual and collective spheres. To analyze photography in its cultural and subjective constructions in Felizardo District (1930-2000), this study is based on perspectives such as those of Kossoy (2001), Canabarro (2005), Turazzi (1998) among others relevant researchers in the historiographic field. From a methodological point of view, it became important to use Oral History from a set of interviews with residents of the district.

**Keywords:** Photographic Culture, Cultural History, Oral History, Memory, Felizardo District.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Distrito de Felizardo-CE.....	<b>13</b>
<b>Figura 2:</b> Felizardo, Eunice e Flaucineide, 1939.....	<b>27</b>
<b>Figura 3:</b> Alunos da escola de Nenzinha, Chapeuzinho Vermelho, 1993, Distrito Felizardo.....	<b>29</b>
<b>Figura 4:</b> Jânio, filho de Joana, 1976, Cajazeiras-PB.....	<b>32</b>
<b>Figura 5:</b> Margarida, filha de Joana, 1976, Cajazeiras-PB.....	<b>32</b>
<b>Figura 6:</b> Primeira comunhão. Joana com seu irmão padre e seus filhos, 1978.....	<b>33</b>
<b>Figura 7:</b> Crisma de Margarida, filha de Joana, em Sousa, 1973.....	<b>34</b>
<b>Figura 8:</b> Dedicatória, verso da fotografia de Adauberto, 1977.....	<b>38</b>
<b>Figura 9:</b> Frente da fotografia de Adauberto, 1977.....	<b>39</b>
<b>Figura 10:</b> Criança sentada. Distrito Felizardo, 1967.....	<b>39</b>
<b>Figura 11:</b> Joana na 5ª série, 1959.....	<b>40</b>
<b>Figura 12:</b> Primeira comunhão de Maria e João, 1953.....	<b>41</b>
<b>Figura 13:</b> Dedicatória no verso da fotografia de Maria e João, 1953.....	<b>42</b>
<b>Figura 14:</b> Família de Nenzinha, 1936.....	<b>44</b>
<b>Figura 15:</b> Nenzinha, aos 12 anos, ao lado de uma prima, 1942.....	<b>45</b>
<b>Figura 16:</b> Fotografia de Geraldo e a esposa em quadro de parede.....	<b>46</b>
<b>Figura 17:</b> Criança na mesa, 1975.....	<b>47</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA, FOTOGRAFIA E CULTURA EM FELIZARDO-CE.....</b>	<b>13</b>
1.1. Felizardo-CE: espaço de pesquisa.....	13
1.2. Fotografia como fonte histórica e a busca desse documental em Felizardo.....	15
1.3. Construindo laços: memória e história na busca dos entrevistados.....	18
<b>CAPÍTULO 2 - TEMPO E ESPAÇO DE FOTOGRAFIAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SER FOTÓGRAFO EM FELIZARDO (1930-2000).....</b>	<b>25</b>
2.1. Fotógrafos na história do Distrito Felizardo.....	25
2.2. Fotógrafo e sociedade.....	31
<b>CAPÍTULO 3 - CULTURA HISTORIOGRÁFICA: REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS FOTOGRAFIAS EM FELIZARDO-CE, SEUS USOS E SIGNIFICADOS.....</b>	<b>37</b>
3.1. Entre lembrar e esquecer: a fotografia como memória.....	37
3.2. Fotografias e significados em Felizardo-CE.....	42
3.3. Significados: fotografias como documento e monumento.....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICES</b>	
APÊNDICE A – ENTREVISTAS.....	54
APÊNDICE B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE.....	66
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – CFP/UFCG.....	86

## INTRODUÇÃO

O interesse por trabalhar com fotografias como fonte de pesquisa surgiu durante as leituras de alguns autores como Kossy (2001) e Sontag (2004) entre outros. O conhecimento sobre o conceito de “Cultura Fotográfica” desenvolvido pela historiadora Maria Inês Turazzi, deu-se durante a leitura dos estudos da historiadora Lais Tavares de Abreu e do historiador Dr. Walter Gomes de Oliveira.

Fotografar, fotógrafo e fotografia são as bases constituintes de uma cultura fotográfica, somados aos significados culturais agregados à prática de fotografar. Nesse sentido, esse estudo tem o objetivo de apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo, Ipaumirim-CE, entre os anos 1930-2000. Analisando a fotografia em suas construções culturais e subjetivas, o presente estudo se encaminha a partir da compreensão de fotografia como fonte histórica e, assim sendo, como produto humano, com características históricas e sociais.

Tem-se o intuito de discutir a relação entre história e fotografia, não de forma isolada e abstraída das subjetividades, mas buscando compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais. Isso será buscado a partir do trato metodológico crítico e analítico de fotografias e entrevistas. O recorte temporal foi baseado nas datas que as fotografias analisadas foram produzidas.

O Distrito de Felizardo é o lócus desse estudo, tendo uma proposta metodológica baseada em fotografias selecionadas junto a habitantes desse distrito. A metodologia aplicada estrutura-se em digitalizar com Scanner e celular as fotografias que foram disponibilizadas pelos participantes. Foram mantidas os tamanhos originais das fotografias, com exceção das figuras 1,11 e 16. Aliada às fotografias será utilizada a História Oral para a construção do conhecimento historiográfico, onde os mesmos sujeitos que cederam as fotos analisadas foram entrevistados. Além das entrevistas, serão utilizados diversos trabalhos que possam nos ajudar na discussão do tema e de questões relacionadas, propondo um diálogo proveitoso com outras áreas do conhecimento.

As entrevistas realizadas foram gravadas e todo o material coletado das gravações foi transcrito. As entrevistas foram realizadas com homens e mulheres acima de 60 anos, em suas residências, escolhidos com base no critério de terem vivenciado a cultura fotográfica no recorte espaço-temporal proposto pelo estudo. O acesso as fontes dessa pesquisa não foi fácil, devido a dificuldade de aceitação pelas pessoas que

participaram desse estudo. Devido aos entrevistados terem receio de exporem a pesquisadora as suas fotografias, vivências e experiências necessárias para o desenvolvimento desse estudo. Por esse motivo não tivemos total acesso as suas fotografias e vivências, somente as que foram permitidas pelos participantes.

Como forma de apresentação, o trabalho está organizado em três capítulos, a saber: no capítulo um, intitulado “**História, fotografia e cultura em Felizardo-CE**”, tem-se uma reflexão apresentando o local de pesquisa e o objeto de pesquisa, contemplando as relações com as fontes históricas utilizadas, delimitando assim a discussão acerca da cultura fotográfica no Distrito de Felizardo.

No capítulo dois, “**Tempo e espaço de fotografias: considerações acerca do ser fotógrafo em Felizardo (1930-2000)**”, trazemos a discussão, a partir das fontes analisadas, sobre o campo profissional de atuação do fotógrafo em Felizardo-CE, nos anos de 1930 a 2000, percebendo as sutilezas dessa profissão e seus significados afetivos e sociais.

Por fim, o capítulo três, intitulado “**Cultura historiográfica: reflexões sobre algumas fotografias em Felizardo-CE, seus usos e significados**”, trata a fotografia como espaço de memória e significação, compreendendo que a fotografia está estruturada em uma rede de relações e sentidos ligados entre a foto e seu proprietário, sendo a foto um depósito de momentos e partes de sua vida.

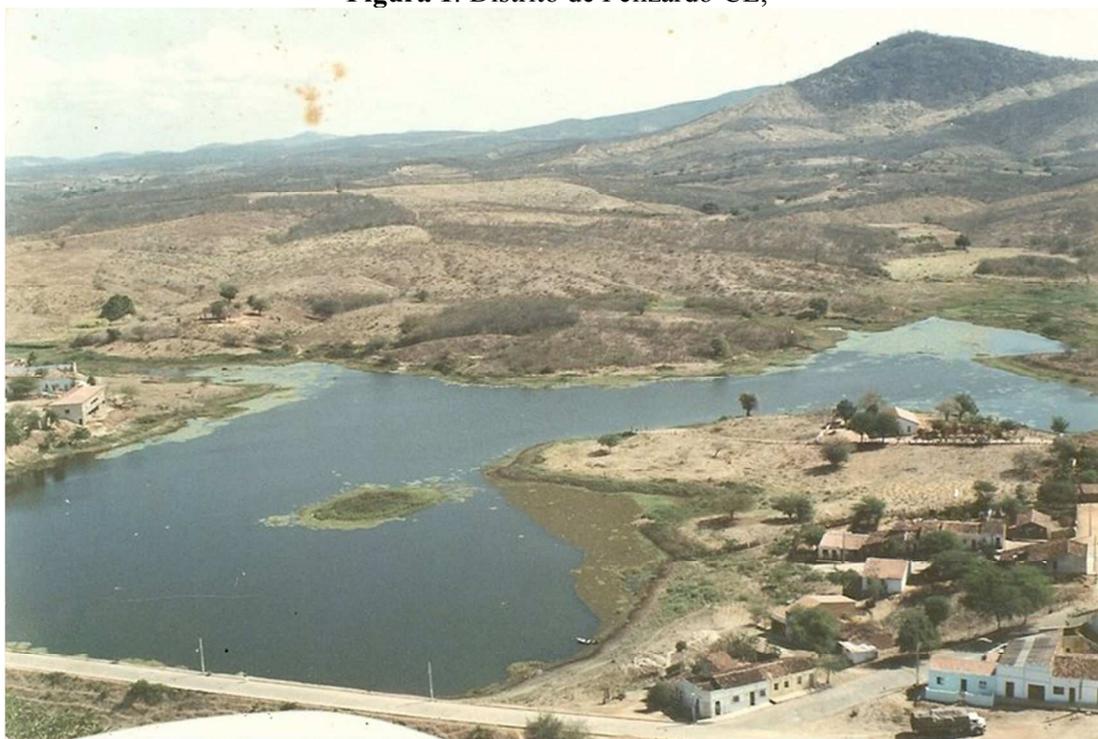
## CAPÍTULO 1

### HISTÓRIA, FOTOGRAFIA E CULTURA EM FELIZARDO-CE

O objetivo deste capítulo é analisar a fotografia em suas construções culturais, subjetivas e objetivas no Distrito de Felizardo-CE (1930-2000), buscando compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, como parte de um recorte e elaboração do real em suas dimensões concretas e simbólicas.

#### 1.1. Felizardo-CE: espaço de pesquisa

**Figura 1:** Distrito de Felizardo-CE,



Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Antônio.

Felizardo é um pequeno distrito do estado do Ceará vinculado ao município de Ipaumirim-CE, localizado na região sul a uma distância de 422 quilômetros da capital Fortaleza, a 12 Km de sua sede Ipaumirim-CE, na margem da BR 116, aproximadamente a uma distância de 21 Km da cidade de Cajazeiras-PB. Tomando este espaço como foco, o estudo em questão ocupa-se em discutir a relação entre história e

fotografia a partir da análise de fotografias feitas no período escolhido, bem como algumas entrevistas com fotógrafos e donos de fotografias analisadas.

O distrito em questão nasceu como um pequeno povoado, chamado Olho d'Água. Encontra-se em alguns livros, frutos de historiografia local e das regiões circunvizinhas, a referência ao antigo nome de Felizardo:

Data de 31/01/1874 a doação da capela do antigo Olho d'Água, chamado posteriormente Olho d'Água do Melão e hoje Felizardo. Foi doado por Dona Maria José de Lima que declarou ser senhora e possuidora do Sítio Olho d'Água, deste termo e que fazia doação para patrimônio da Capela da Senhora da Conceição de uma parte de terra no mesmo sítio Olho d'Água (CHAGAS; ROLIM, 2004, p. 15).

Percebe-se que Felizardo tem uma origem comum a outros distritos e cidades da região, com o início da ocupação das terras ligado a questões de religiosidade: “fizeram da capela o núcleo de suas atenções, trabalhando pela reconstrução da mesma, no início do século, e foram adquirindo novas terras na circunvizinhança” (GONÇALVES, 1986, p. 145). A construção da capela contribuiu com a formação de uma povoação em sua volta, por meio de grupos familiares, que foram os elementos centrais, uma vez que se afirma que “crescia o povoado com a colaboração maior do abastado proprietário, agricultor e criador Vicente Felizardo Vieira, que bem soube transmitir aos seus descendentes o exemplo de trabalho e de atuação política” (GONÇALVES, 1986, p. 145).

O nome Felizardo foi adotado no ano de 1938, “exatamente na gestão do Sr. Luiz Bezerra, que surgiu a ideia da mudança do nome de Olho d'Água para Felizardo” (CHAGAS; ROLIM, 2004, p. 64). O nome Felizardo origina-se do desejo de homenagear Vicente Felizardo Vieira, considerado benfeitor das terras e do povoado que veio a se tornar o referido distrito.

Nesse sentido, “o reconhecimento por parte das autoridades dos contínuos serviços prestados pela família à coletividade, estava patente (CHAGAS; ROLIM, 2004, p. 64). Dono de terras e prestígio, além de benfeitor, Vicente Felizardo Vieira foi figura importante na política do município de Ipaumirim-CE, disputando cargos no executivo e no legislativo da cidade. Desse modo, ‘já elevada a categoria de vila de Olho'água, teve o topônimo alterado para Felizardo, de acordo com o Decreto Estadual de nº 448 de 20 de dezembro de 1938, em justa homenagem ao seu fundador que faleceu em 1935” (GONÇALVES, 1986, p. 145).

Considerando que “a cidade é sensibilidade, a cidade é um fato cultural” (CARPINTÉRO; CERASOLI, 2009, p. 90), pode ser possível estabelecer um paralelo, a partir dessa afirmação, entre cidade e distrito e afirmar que este trabalho não se deterá a questões políticas e administrativas de Felizardo-CE, mas sim às subjetividades dessa sociedade através da cultura fotográfica.

## **1.2. Fotografia como fonte histórica e a busca desse acervo documental em Felizardo**

É impossível o exercício da historiografia sem fontes históricas, sem a análise de fontes que se comportem como testemunhos de uma sociedade e de um tempo. Estas são peças fundamentais, mas não suficientes para a produção historiográfica. A postura do historiador diante das fontes é decisiva e fundamental para o sucesso de qualquer produção.

Assim, para problematizar a cultura fotográfica em Felizardo no período de 1930 a 2000, serão analisadas fotografias desse período. Tais fotografias pertencem a moradores do Distrito e retratam momentos tidos como importantes para estes. As fotos foram concedidas pelos próprios donos e retratam cenas de infância, cotidiano e acontecimentos significativos, tais como celebrações de primeira eucaristia e batizado. Pertencem e foram cedidas por Felizardo Guedes Vieira (aposentado), Geraldo Biana dos Santos (fotógrafo aposentado), Josefa Pires Dias, conhecida por Nenzinha (aposentada), Joana Mangueira Rolim, conhecida por Joaninha (aposentada) e Maria Flaucineide Vieira Chagas, ou Cineide (aposentada). Estas pessoas são moradoras do Distrito de Felizardo, exceto Geraldo Biana dos Santos que mora em Ipaumirim-CE, são agricultores e professoras aposentados (as).

Diante desse contexto de estudos e análises, é fundamental pontuar que o reconhecimento da fotografia como fonte histórica é relativamente recente. A ideia de fonte histórica mudou e se transformou ao longo do tempo, se mostrando diferente de acordo com cada influência e cada tendência historiográfica. Sob a influência de tendências positivistas, o entendimento de fonte histórica estava ligado ao papel e, essencialmente, a documentos ditos oficiais. Partindo dessa constatação, podemos afirmar que o reconhecimento da fotografia como fonte histórica é recente.

Com o surgimento, prestígio e hegemonia da História produzida pelos *Annales*, assiste-se a uma abertura na compreensão sobre fonte histórica. Tal abertura foi acompanhada do alargamento dos temas de estudo e dos objetos de interesse do historiador.

Nesse contexto é notável que “[...] a terceira fase dos *Annales* abre-se a uma ampla diversificação de objetos e dimensões de estudo [...]. A ampliação de campos históricos já não tem limites. Há uma história para tudo o que é humano [...]” (BARROS, 2010, p. 21). O reconhecimento da fotografia como fonte histórica desponta nesse momento onde surge a compreensão de que o que é humano, construção e produto social e cultural, pode ser válido para a História, pois traz infinitos indícios de um tempo, de uma sociedade e de um povo. Nesse momento, fonte histórica passa a ser compreendida como qualquer indício humano, capaz de atender questionamentos do observador, conseqüentemente, do historiador.

No contexto dos *Analles* e, conseqüentemente, da História Cultural, passou-se a considerar “como fonte histórica não apenas aquelas que possuem um suporte, mas também as mensagens, conjuntos integrados de práticas e representações, verbalizações e não-verbalizações que circulam livremente, sem uma matéria na qual se fixam e que as imobilizam (BARROS, 2012, p. 145). Desse modo, é nesse contexto que a fotografia passa a integrar o rol de fontes históricas, já que entendeu-se que o que possui significado humano passa a ser aliado do historiador em suas análises. E nesse contexto é trilhado os caminhos para considerar que “a fotografia é, portanto, resultante da ação do homem” (KOSSOY, 2001, p. 37). De lá para cá surgiram muitos estudos fundamentados na fotografia como fonte histórica e surgiram também estudos que discutem a contribuição da fotografia para a escrita da história, como é o caso do estudo contido no livro “Fotografia & História” de Boris Kossoy.

Na perspectiva de Kossoy, “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente” (KOSSOY, 2001, p. 45). Portanto, sua relevância para a história é gigantesca pelo fato de carregar em si mesma uma história e uma trama, já que “toda fotografia tem atrás de si uma história” (KOSSOY, 2001, p. 45). Além de ter uma história, a fotografia fala de uma história, de uma realidade, de um tempo e de uma cultura.

A riqueza das fotografias como fontes históricas reside no fato que “elas representam pequenos fragmentos que indicam os diferentes modos de vida dos atores

sociais, a forma como compreendem o mundo, suas representações, o imaginário e mesmo as cenas muito próximas de seu cotidiano (CANABARRO, 2005, p. 23). Nesse cenário é importante destacar que o trato com fotografia requer cautela, o historiador precisa estar atento às evidências históricas que cada fotografia oferece e traz em seu bojo, tendo em mente o contexto no qual ela foi planejada, captada e produzida. Assim, “para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades” (BURKE, 2006, p. 18). Tais fragilidades se referem à qualidade da fotografia, às condições de coleta e obtenção por parte do pesquisador e aos elementos de construção por parte do fotógrafo e dos fotografados, como ângulo, luz e pose.

Nessa direção, cabe destacar a importância de o pesquisador partir para a pesquisa munido de questionamentos, anseios, e objetivos que norteiem as suas análises, porém isso não deve anular a possibilidade de surgimento de questões não estabelecidas *a priori*, mas que sejam importantes para a pesquisa. Estas surgem naturalmente através do olhar e do envolvimento do pesquisador com o teor dos textos de discussão e construção.

Dito isso, discutir cultura fotográfica a partir de um viés historiográfico é uma tarefa desafiadora e complexa pelo fato que por si só a cultura é uma questão abrangente e múltipla, uma vez que cultura é um termo amplo e sua compreensão abrange sentidos e percepções, por ser “um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas parecem confirmar-se reciprocamente” (WILLIAMS, 1979, p. 14). Por isso, falar de cultura fotográfica é compreender a fotografia no espaço de realidades e vivências sentidas, praticadas e significadas.

Sabe-se que cultura é “um conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (BOSI, 1992, p. 16). Ao tomar a fotografia dentro de um contexto e uma categoria intitulada de cultura fotográfica, compreende-se a mesma como prática social significada pelos sujeitos, ou seja, no horizonte social a fotografia ganhou e ganha símbolos e significados subjetivos e particulares, atribuídos pelos sujeitos sociais.

Sendo construída desses aspectos, a fotografia é uma prática cultural que carrega muitos elementos identitários, e nisso reside sua riqueza de possibilidades analíticas, uma vez que não se pode “[...] considerar o leque das práticas culturais como um

sistema neutro de diferenças, como um conjunto de práticas diversas, porém equivalentes” (CHARTIER, 1995, p. 7). É necessário provocar os sistemas e teias de significados que perpassam toda e qualquer fotografia.

Assim, entendemos que

A fotografia é um produto social e cabe ao historiador perceber como as imagens constituem uma certa maneira discursiva de colocar em cena questões e fragmentos da história, percebidos no encaixe de uns documentos com os outros na tentativa de se entender sua forma evolutiva e, ao mesmo tempo, descontínua (CANABARRO, 2005, p. 24).

Diante de tal afirmação, é possível considerar a fotografia uma valiosa aliada para o historiador, isso porque ela possui e também é o que Peter Burke (2006) chama de “evidência histórica”. Por isso, a tomada da fotografia enquanto fonte histórica exige do historiador uma crítica cuidadosa, já que a fotografia é objeto discursivo e ideologicamente orientado, o que significa que uma determinada foto pode tentar criar realidades, mostrar escolhas, desejos e sentimentos. Tudo isso obedecendo aos direcionamentos do fotógrafo e dos fotografados. Por isso, “a história aproxima-se do presente, com a fotografia, permitindo entender a história oficial, a secreta, a individual e a coletiva” (CANABARRO, 2005, p. 24). A fotografia é retrato de um tempo, de uma sociedade e pode falar sobre modelos de ser e de viver de famílias e de pessoas, retratando aspectos importantes e marcantes da vida, mas também momentos comuns próprios do cotidiano.

As fotos analisadas são carregadas de lembranças, memórias, sentidos e nostalgias. Para buscar a compreensão destes elementos, foram realizadas entrevistas com os donos das fotos selecionadas e com um fotógrafo responsável pela produção de algumas delas, além de também termos analisado as dedicatórias contidas nas fotos como veículo de informação, sentimento, emoção e memória.

### **1.3. Construindo laços: memória e história na busca dos entrevistados**

Partindo da ideia que “entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais do que os olhos podem ver” (MAUAD, 1996, p. 3), o presente estudo busca investigar, apresentar e problematizar os sentidos investidos na fotografia. Não só quem

deseja fazer a foto, quem protagoniza a imagem, mas também quem participa de sua construção para além dos limites técnicos, no caso, o fotógrafo. Para isso é fundamental apresentar a relação das fontes históricas com a pesquisa.

A proposta metodológica desse estudo é pautada no uso de fotografias, aliadas à História Oral para a construção do conhecimento histórico. O contato com as fontes aconteceu no próprio Distrito de Felizardo, mas é preciso afirmar que todo trabalho com fonte envolve escolhas e seleção, que muitas vezes estão ligadas às facilidades de encontro e obtenção dos registros. Nesse sentido, não foram entrevistados todos os habitantes do Distrito, nem tampouco foram analisadas todas as fotografias dessa localidade. Foram selecionadas as que se colocaram de forma possível para a pesquisadora.

Foram entrevistados Felizardo Guedes Vieira, Geraldo Biana dos Santos (fotógrafo), Josefa Pires Dias (Nenzinha), Joana Manguiera Rolim (Joaninha) e Maria Flaucineide Vieira Chagas (Cineide), todos residentes em Felizardo-CE. Foram elaboradas perguntas que enfocaram a relação dos entrevistados com as fotos cedidas por eles para a pesquisa, a fim de perceber qual a representatividade dessas fotos para eles, em termos de memória, lembrança, sentimento e subjetividade.

Salientamos que as entrevistas

fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros (ALBERTI, 2008, p. 167).

Considerando tal perspectiva, a ideia da realização de entrevistas nesse trabalho surge da busca por compreender as experiências do passado reelaboradas a partir da fala dos entrevistados, experiências essas refletidas nas fotografias, sendo assim, uma forma de questionar os sentidos e rememorar as lembranças.

As entrevistas e os resultados delas “são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de imagens. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas” (ALBERTI, 2008, p. 165). Assim, as entrevistas realizadas mantêm íntima relação com o objeto de pesquisa e foram realizadas em consonância com os objetivos, questionamentos e anseios da proposta.

Frisamos que “documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu (BACELLAR, 2008, p. 63). Nesse sentido, serão considerados os elos construídos entre os sujeitos e as fotografias, bem como suas interpretações sobre elas, isso porque acreditamos que

a fotografia brinca com a escala do mundo, pode ser reduzida, ampliada, cortada, recortada, consertada e distorcida. Envelhece ao ser infestada pelas doenças comuns aos objetos feitos de papel; desaparece; valoriza-se, é comprada e vendida; é reproduzida (SONTAG, 2004, p. 4)

Partindo dessa constatação, serão buscadas nas fontes, ou seja, nas fotografias, os mundos criados, as idealizações, os desejos, as imaginações e as realidades. E assim serão transitados os territórios da objetividade e da subjetividade, analisando as materializações concretas das fotografias de Felizardo-CE, mas também indo além e visitando os universos mentais nelas contidos.

Acredita-se que “o abnegado historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas” (BACELLAR, 2008, p. 24). São essas realidades que se busca por trás de cada foto, pose, semblante, riso, fala, sentimento, lembrança e esquecimento.

Diante disso, os objetivos do estudo estão orientados pela assertiva de que “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se em uma certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e por conseguinte com o poder” (SONTAG, 2004, p. 4). Por isso é tão importante ouvir a voz de fotógrafos e fotografados, ler dedicatórias, analisar rostos e expressões, pois tudo está carregado e investido de sentidos.

Compreendendo que “o historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala” e que “toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica” (MENESES, 1998, p. 35), não se espera que as fotos falem por si. Será fundamental questioná-las por meio das cores, rostos, posturas e semblantes presentes nas fotografias.

As fotos analisadas são percebidas como mensagens e elaborações que se “processam através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem” (MAUAD,

1996, p. 7). Por isso elas podem evocar significados, representações e memórias diferentes no contexto de elaboração e diante dos quadros mentais de cada sujeito.

Partindo da ideia que a fotografia emite mensagem e guarda significados, será considerado para as análises o resultado de entrevistas realizadas com fotógrafos e com donos das fotografias analisadas. Buscamos, assim, por meio dos relatos dessas pessoas, perceber os significados atribuídos ao ato de fotografar e às fotografias em si, analisando os aspectos de elaboração de uma cultura fotográfica no Distrito Felizardo.

Cabe informar, também, que as entrevistas realizadas foram de natureza semidirigida, ou seja, a pessoa entrevistada tem liberdade para falar, porém, de certa forma, tendo a limitação de um roteiro produzido pelo pesquisador que objetiva responder ou compreender questões tratadas em seu estudo.

Sabendo que a fotografia – para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de análoga da realidade – é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido (MAUAD, 1996, p. 3), o presente trabalho se ocupa em apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de 1930 e 2000. Analisando a fotografia em suas construções culturais e subjetivas, o presente estudo se encaminha a partir da compreensão de fotografia como fonte histórica e, assim sendo, como produto humano, com características históricas e sociais.

Apoiado nessas compreensões acima discutidas, o intuito desse estudo é discutir a relação entre história e fotografia, pensando as fotos analisadas como “como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente” (MAUAD, 1996, p. 7). Este trabalho possui relevância social e acadêmica, sendo uma contribuição para a historiografia local de Felizardo, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere à cultura fotográfica no recorte proposto.

Nesse contexto de análise é fundamental pensar o conceito de cultura como “um conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (BOSI, 1992, p. 16). A partir dessa compreensão, é possível falar em cultura fotográfica como prática dotada de símbolos e valores, pelo fato que cultura é como domínio, realidade e subjetividade se colocam de forma ampla, agregando “todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e

distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo” (WILLIAMS, 1979, p. 14).

Ao considerar tal perspectiva, surge a possibilidade de pensar cultura como um conceito abrangente que agrega sentidos, significados e percepções. Assim, cultura envolve as realidades da vivência praticada, sentida e significada. E ela não só constitui os indivíduos sociais como também é constituída por eles. Por isso pode-se pensar em “cultura fotográfica”, já que “seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo ‘cultura’ muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante” (BURKE, 1989, p. 25). Desse modo, quando se pratica, aprende e usa a fotografia, estamos falando de cultura elaborada e exercitada.

Assim, destaca-se que “uma cultura fotográfica se expressa nos usos e funções da fotografia, tanto quanto nas representações imaginárias associadas ao conteúdo ou a utilização dessas imagens em uma dada sociedade” (TURAZZI, 1998, p. 4), e o presente estudo visa problematizar os usos da fotografia no pequeno Distrito Felizardo.

Como pontuamos acima, para falar de cultura fotográfica é fundamental pensá-la atrelada aos domínios sociais e culturais, já que

A cultura fotográfica é também uma das formas da cultura, ideia reforçada pelo argumento de que a fotografia foi e continua sendo um recurso visual particularmente eficaz na formação do sentimento de identidade (pessoal ou coletiva), materializando em si mesma uma “visão de si, para si e para o outro”, como também uma “visão do outro” e das nossas diferenças (TURAZZI, 1998, p. 9).

Considerando essa ideia, a pesquisa pensa a fotografia nos domínios particulares e subjetivos no Distrito de Felizardo, fazendo emergir uma compreensão de como a fotografia contribui para o sentimento de identidade pessoal e social desses habitantes, ou seja, quais as visões que as fotografias informam do eu e dos outros representados no registro. Nesse sentido, encontramos muitas discussões, inclusive a de Nelson Schapochnik que discute a fotografia presente no cartão postal que, para ele, “de uma maneira ou de outra, o cartão procura estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir uma distância” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 424). Nesse contexto, o uso da fotografia será como elo e encurtamento das distâncias.

Atravessando tempos e sociedades diversas, “a fotografia surgiu na década de 1830 como resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade”

(MAUAD, 1996, p. 2) com o objetivo de guardar lembranças, guardar semblantes e rostos, eternizar momentos e valorizar belezas; “as imagens fotográficas constituem um dos meios mais criativos e eficazes para a identificação, o reconhecimento e a representação das singularidades nacionais de uma cultura, tanto quanto uma das formas de expressão da sua própria existência” (TURAZZI, 1998, p. 5). Diante disso, salientamos que para refletir sobre cultura fotográfica é importante não pensar a fotografia de forma isolada.

Nenhuma fotografia pode ser encontrada longe de uma rede de sentidos e atribuições, por isso compreende-se que a “cultura fotográfica de uma sociedade também se forma e se manifesta através da incorporação da fotografia em outros domínios da vida social, como o artesanato popular, as crenças religiosas e políticas, as sociabilidades familiares e urbanas, a inspiração artística ou literária” (TURAZZI, 1998, p. 9). Por essa razão foram selecionadas fotografias em igrejas, escolas, casas e festas, com o objetivo de mostrar a fotografia em uma rede de domínios e esferas que a legitimam.

Discutir cultura fotográfica é acreditar que ela se coloca de forma ampla na esfera social, já que “desde os seus primórdios, a experiência da fotografia não esteve apenas associada ao passado, como retenção do fluxo temporal e do movimento, mas se inclinava igualmente em relação ao futuro, como expectativa do que a imagem viesse a figurar” (LISSOVSKY; JAGUARIBE, 2006, p. 89). Assim, a fotografia é cultura ao passo que se apresenta como experiência vivida, guardada, elabora e reelaborada pelos sujeitos.

Para compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, serão consideradas perspectivas como a Burke (2006) e de Chartier (1995). Desse modo, a pesquisa utiliza perspectivas da História Cultural enquanto tendência historiográfica para orientar as discussões, uma vez que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1991, p. 16-17), sendo, pois, útil para os questionamentos feitos neste trabalho.

Em meio a discussão proposta, é importante afirmar que o número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão dessa pesquisa. Surgem novos embates e também muitos novos olhares quando se trata desta temática. Assim, a presente análise tem uma temática fértil

em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas pesquisas e trazer novos questionamentos.

Diante disso, neste capítulo foram apresentados o local de pesquisa e os objetos de pesquisa, contemplando as relações com as fontes históricas utilizadas, delimitando assim a discussão acerca da cultura fotográfica no Distrito de Felizardo.

## CAPÍTULO 2

### TEMPO E ESPAÇO DE FOTOGRAFIAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SER FOTÓGRAFO EM FELIZARDO (1930-2000)

#### 2.1. Fotógrafos na história do Distrito de Felizardo

Ao longo da história do Brasil de fins do século XIX e início do XX, muitos tomaram a fotografia como ramo. Fotógrafo é, portanto, o profissional que oferece serviços de fotografia. Entre os anos de 1930 a 2000 esta profissão foi escolhida por muitos homens e mulheres que tinham paixão por fotografar e/ou que tinham necessidade de trabalhar e manter suas famílias. Esses dois motivos, de formas específicas em cada situação e contexto, favoreceram ao longo do tempo a prática da fotografia com fins lucrativos.

Pretende-se aqui identificar quem foram os fotógrafos que atuaram no recorte espacial e temporal dessa pesquisa e entender a atuação dos fotógrafos nos seus contextos de pertencimento ao Distrito Felizardo e seus arredores. Nesse sentido, cabe destacar que

a perspectiva de trabalhar com fotógrafos que atuaram fora dos grandes centros é uma possibilidade de entender a complexidade da cultura fotográfica, pois esta é extremamente diversificada, contemplando toda a prática de produzir, circular e consumir imagens em uma determinada sociedade (CANABARRO, 2011, p. 344-345).

Ao considerar tal afirmação, pode-se compreender que a prática profissional de fotógrafos de Felizardo e locais vizinhos é uma porta de acesso para a problematização da cultura fotográfica dessa sociedade, já que os frutos do trabalho desses fotógrafos ajudaram e contribuíram para a cultura e as vivências da sociedade em análise.

De acordo com os dados informados nas entrevistas e análise de fotografias, não se tem clareza a respeito de quem foi o primeiro fotógrafo que trabalhou em Felizardo e nem que imagens foram feitas por este. Foi identificado que, desde 1930, algumas pessoas trabalharam como fotógrafos no Distrito e, dentre os nomes citados, um homem chamado Jesus atuava como fotógrafo desde 1930, após ele, outros citados são: Noel, Geraldo, Maria José, Leuzete, entre outros.

O primeiro que eu conheci foi Jesus, acho que ele morava no Baixio, esse não veio do céu, veio do Baixio (risos)... Depois teve Maria José, e depois Leuzete, elas compraram uma máquina e tiravam fotos, a gente via uma vez ou outra, mas isso já era de agora mais recente, sabe? Jesus era mais constante aqui porque papai chamava muito ele para vim tirar fotos nas missas que o padre Carlos celebrava aqui. Aí muita gente tirava foto ali pela igreja quando ele vinha, aparecia por aqui. A renda dele era só essa (Entrevista com Felizardo Guedes Vieira, 14/10/2019 em Felizardo-CE).

Não se sabe exatamente quando Jesus começou a trabalhar como fotógrafo. Segundo dois entrevistados, Felizardo e Joana, Jesus trabalhava apenas como fotógrafo, pois nunca souberam que ele trabalhou em outra profissão. Percebe-se que ele atuava no ramo da fotografia viajando por vários lugares, Baixio, Barro, Felizardo, Várzea Alegre e outros lugares, o que indica que a vida como fotógrafo era um desafio. Como afirma Valter Oliveira (2011, p. 62) em seu estudo sobre fotografia nos sertões da Bahia dos anos de 1900 a 1950, “viver da renda do ofício como fotógrafo representa um grande desafio aos profissionais pioneiros [...] por mais que fosse uma novidade cobiçada socialmente, a fotografia, como bem de consumo, ainda estava restrita às camadas altas e médias no Brasil”.

Não se pode afirmar se ele era fotógrafo amador ou profissional. Na fala de Felizardo também é perceptível um outro aspecto da cultura fotográfica no Distrito Felizardo: inicialmente, o trabalho era realizado por homens e somente depois é que teve a inserção de mulheres no ofício.

Além de ser um fotógrafo itinerante, na fotografia abaixo produzida por Jesus, percebe-se que ele montou um estúdio ao ar livre para produzir suas fotos. Tal característica é visível devido a elementos presentes na imagem, como: um painel de fundo fixado na parede, um tapete no chão, e ainda conta com a composição de uma cadeira. Talvez houvesse outros elementos para montar sua cena, mas devido a escolha desta pela mãe de Felizardo, apenas esses elementos foram escolhidos para comporem a fotografia.

**Figura 2:** Felizardo, Eunice e Flaucineide, 1939



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Flaucineide. Fotógrafo: Jesus.

A fotografia de 1939 acima retrata o desejo de guardar a lembrança da infância; no registro produzido por Jesus, constam Felizardo, Eunice e Flaucineide, todos irmãos e moradores do Distrito Felizardo. O entrevistado afirma que:

Já, esse retrato que você viu eu sentado, acho que eu sou o mais bonito (risos), não sou? (Risos) Então ali foi tirado com Jesus. [...] Era aquela máquina dele, acho que foi a primeira que inventaram, que chamava máquina sanfona, em cima de um tripé, um quadrado em cima do tripé, do lado da máquina um fole, um negócio que botava na mão e cobria o braço todinho, ele fazia não sei o que lá dentro daquela máquina, sei que ele cutucava por lá e depois o retrato saía, depois que o retrato saía ele botava em uma bacia com água, não sei para que é que ele fazia aquilo. [...] Eu me lembro que mamãe me arrumou e me botou lá para ele tirar a foto. Tinha várias posições, a nossa foi mamãe que escolheu e ele tirou, não me lembro muito disso não. O fotógrafo dizia “olha bem para a máquina e não bata os olhos” (Entrevista com Felizardo Guedes Vieira, 14/10/2019, em Felizardo-CE).

Analisando a fotografia produzida por Jesus e a fala de Felizardo, podemos perceber que Jesus utilizou a câmera “mão no saco”. Esta era feita de madeira, com um pano escuro que não permitia a luz entrar, e contava com um laboratório interno que revelava a fotografia na hora. Percebe-se como essa foto foi projetada, querida e planejada pela mãe das crianças com cuidado e entusiasmo.

Na fala de Felizardo, quando diz que ele tinha “várias posições”, podemos deduzir que ele estava referindo-se aos modelos que Jesus deixava exposto para que seus clientes pudessem escolher qual pose queriam ou para terem alguma inspiração, como era costume à época. Percebemos que ao levar alguns modelos, Jesus interferia na

pose da fotografia e ao mesmo tempo possibilitava às pessoas de Felizardo o contato com novas formas de seres fotografadas. Como analisa Ivo Canabarro (2011, p. 327) em seu estudo sobre o fotógrafo, o olhar e a história,

O enquadramento do olhar expresso na imagem fotográfica é um trabalho que exige do fotógrafo uma escolha da cena a ser representada, uma determinada forma de composição da imagem, o enquadramento, a iluminação e a perspectiva dos planos. Para compor tudo isso se faz necessário o domínio de certo saber fotográfico, o qual vai caracterizar o fotógrafo em seu campo de atuação. O fotógrafo realiza sempre uma mediação entre o seu olhar, a tecnologia e a sua abordagem visual, sua atuação é um ato consciente, pois ali está expressa toda a sua subjetividade e, portanto, o seu produto final, a fotografia, é o resultado de toda uma intenção.

Como se deu a inserção de Jesus nessa profissão? O que o motivou naquela época a trabalhar neste ofício? São possíveis questionamentos a serem feitos sobre Jesus, mas que não podemos chegar a respostas definitivas. Para tentar responder as perguntas, podemos perceber que ser fotógrafo naquela época era algo novo e instigante, logo, será que Jesus foi motivado inicialmente por ser um trabalho diferenciado dos demais da época? E por que atuou em Felizardo? Vale ressaltar a perspectiva de um sujeito fotografado por Jesus, que afirma que “Jesus era mais constante aqui porque papai chamava muito ele para vim tirar fotos nas missas que o padre Carlos celebrava aqui. Aí muita gente tirava foto ali pela igreja quando ele vinha, aparecia por aqui. A renda dele era só essa” (Felizardo Guedes Vieira, 14/10/2019). A partir disso sabe-se que a vinda de Jesus ao Distrito era constante, tanto por chamados de clientes como pelo fato que Jesus tinha uma namorada em Felizardo, segundo relatos, e assim podemos perceber que sua vinda era também motivada por uma paixão, e não somente pelo ofício.

Sabe-se que “os fotógrafos que percorreram o interior do Brasil conseguiram captar imagens que revelam as diferentes formas de vivência dos atores sociais, em seus devidos contextos de pertencimento” (CANABARRO, 2011, p. 344-345). Diante disso, cabe destacar que o espaço onde ele e outros fotógrafos atuaram, no caso, Felizardo, lhes possibilitavam os seguintes públicos: uma sociedade em sua maioria composta por pessoas humildes que viviam da agricultura, e um ambiente urbano povoado por poucos moradores, onde existia uma capela.

Diante da circularidade dos fotógrafos e seus espaços de atuação, cabe destacar outro fotógrafo que trabalhou em Felizardo entre os de 1950 e 2000. Noel, fotógrafo

empenhado, trabalhava como agricultor e fotógrafo. O exercício de profissões simultâneas por parte de alguns fotógrafos esclarece um aspecto importante da cultura fotográfica desse Distrito: suas atividades e estratégias de sobrevivência.

Na coleção de fotos de Nenzinha foram identificadas algumas fotografias produzidas por Noel. Analisando essas fotografias podemos perceber que Noel trabalhava fotografando vários eventos escolares, como mostra o registro abaixo (Figura 3), além de fotos cotidianas, familiares, entre outros.

**Figura 3:** Alunos da escola de Nenzinha, Chapeuzinho Vermelho, 1993, Distrito Felizardo



Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinha. Créditos: Noel.

Outro fotógrafo importante nas regiões e comunidades vizinhas de Felizardo-CE nos anos de 1990 foi Geraldo Biana de Sousa, atualmente com 77 anos de idade, residente em Ipaumirim-CE, que atuou por muito tempo como fotógrafo, principalmente no Distrito. Geraldo Biana de Sousa foi por muito tempo agricultor. Não tendo oportunidades de fazer cursos, conheceu o ramo de fotografia por meio de um amigo que lhe cedeu uma câmera e lhe apresentou o ofício, como nos contou durante entrevista.

Ele afirma que: “não tinha outra coisa né, eu era da roça, aí o menino lá conhecido meu tinha uma maquinazinha e me ensinou como era e eu saí tirando” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE). Como nos

fala o sr. Geraldo, ele iniciou sua atividade como fotógrafo por não ter outra profissão mais rentável, tendo necessidades de subsistência e considerando que a agricultura estava rendendo poucos proventos.

O lucro dos fotógrafos no período estudado era pequeno, cabendo destacar que de acordo com a perspectiva de quem trabalhou no ramo, “era baratinho, naquele tempo quando eu comecei era um conto de réis, um conto de cruzeiro, depois passou para real” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE). Por isso, muitas vezes os fotógrafos desenvolviam pequenos trabalhos junto com a fotografia; no caso de Geraldo Biana sua ocupação era a agricultura. Nas horas de folga da fotografia ele se dedicava a sua roça, onde plantava e colhia produtos fundamentais para o consumo e alimentação de sua família.

Para muitos fotógrafos, o ofício foi seguido mesmo após a aposentadoria, como relata o sr. Geraldo: “Eu sofri um acidente que eu caí de bicicleta, aí parei uns tempos, depois continuei. Eu me aposentei e ainda trabalhei, foi até 2005. Eu trabalhava quando eu tinha tempo, eu ia para roça e vinha, quando chegava os domingos e os sábados aí eu trabalhava” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE). Seja por amor a profissão e até mesmo como forma de complementar a renda mesmo depois de aposentados, muitos fotógrafos, como Geraldo, seguiram por anos na carreira.

Nesse contexto, os sítios vizinhos de Felizardo-CE eram pouco povoados, sendo impossível restringir o trabalho com as fotografias em uma única localidade. Geraldo Biana afirma: “trabalhei aqui no Olho d’Água do Melão, Ipaumirim, Baixio, os cantos que davam certo eu ia, ia para os sítios” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE). Diante disso, o fotógrafo fazia movimentos de trabalho entre os sítios e cidades vizinhas, aumentando a margem de lucro e a possibilidade de adquirir novos fregueses.

Entre os anos de 1930 e 2000, os meios de comunicação e publicidade eram escassos e inacessíveis para muitas pessoas. Assim ficava difícil estabelecer uma publicidade e divulgação dos serviços de fotógrafos, muitas vezes se contava com a sorte: “o que aparecesse eu estava indo. Casamento, batizado, aniversário” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE). Isso porque o fotógrafo não procurava, ele era solicitado: “não, eu não procurava ninguém, quem quisesse que me chamava. Mas eu mesmo sair procurando, eu não procurava” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE).

A relação entre fotógrafo e clientes muitas vezes era de respeito e certo distanciamento, e no momento de fazer a foto, em alguns casos, prevalecia a postura do cliente. No entanto, algumas vezes o fotógrafo opinava e influenciava no resultado.

Eles era quem dizia “eu quero tirar assim, assim”. Aí quando eu via que não estava bem, eu dizia “faz assim um pouquinho”. Às vezes eu mandava dar só uma risadinha né, mas falava brincando. Eles é quem tirava do jeito que queria. Eu não gostava de estar mandando em ninguém não (risos) (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE).

Nessa fala percebe-se um certo receio em intervir na projeção de fotografia que tinha o cliente, um medo de ser abusivo. As intervenções vinham em forma de brincadeira, risos e descontração. Em meio a essa atmosfera, o fotógrafo contribuía para a construção da foto, participando assim dos seus respectivos resultados.

Ao discutir fotografia é fundamental demarcar o espaço de escolhas, criações, intenções, enfim, interações e ações dinâmicas. Tudo isso porque “a fotografia é também uma nuvem de fantasias, é uma criação humana, marcada pelas escolhas, desejos, imaginações e representações daquele que fotografa e daqueles que observam as imagens fotografadas” (WUNDER, 2006, p. 2). Por isso não pode ser analisada como realidade e objeto que emerge de forma natural, sem intervenções e ações criativas.

A partir dessa análise compreendemos que “embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva” (SONTAG, 2004, p. 13). Por isso, fotografia é construção e elaboração fruto da participação e influência mútua entre fotógrafo e fotografados.

## **2.2. Fotógrafo e sociedade**

Diante das fotografias percebemos a variedade de temas e locais, tendo registros de batizados, primeiras comunhões, missas, aniversários e festas em família. Isso indica o caráter subjetivo e relevante do trabalho do fotógrafo, pois estes lidam “com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar” (CARTIER-BRESSON, 1971, p. 21). Nesse sentido, o fotógrafo é o sujeito que preserva, guarda e capta o efêmero e o imprescindível, dando materialidade ao inesquecível.

A fotografia possui versatilidade e diversidade de cores e tamanhos, variando de acordo com os equipamentos de trabalho: “o filme que trabalhava fazia tudo, era 3x4, 10x15. Era tudo preto e branco [...]” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE).

**Figura 4:** Jânio, filho de Joana, 1976, Cajazeiras-PB



Fonte: Coleção particular de Joana. Fotógrafo: desconhecido.

**Figura 5:** Margarida, filha de Joana, 1976, Cajazeiras-PB



Fonte: Coleção particular de Joana. Fotógrafo: desconhecido.

As fotos acima são em estilo de tamanho 3x4, em cores preto e branco, onde as crianças aparecem com semblantes de seriedade. A expressão facial dos fotografados salta aos olhos e faz pensar que “fotografar é um movimento de expressão e produção de sentidos que se faz na relação entre os mundos internos e os externos” (WUNDER, 2006, p. 11). Isso porque o olhar das crianças nessas fotos traz um caráter de pensamento e movimento entre subjetividades e mundos externos e internos.

Apesar da baixa lucratividade para o fotógrafo, a fotografia tem um grande valor social e sentimental, pois entre “todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório” (CARTIER-BRESSON, 1971, p. 21), sendo uma forma de guardar momentos maravilhosos vividos, mas que tiveram fim e por isso mesmo tornam-se tão caros aos homens. Assim, “geralmente são os bons

momentos que são fotografados, parecem ser as alegrias, as boas sensações, as conquistas, os bons encontros que merecem ser eternizados” (WUNDER, 2006, p. 12).

O fotógrafo é artesão do imprescindível, do raro, do vivido e do maravilhoso e “é deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão” (CARTIER-BRESSON, 1971, p. 21). O ato de fotografar lida com os anseios das pessoas de guardar a memória dos bons momentos e de certa forma salvar as pessoas do terrível medo de esquecer ou não lembrar de pessoas e episódios da vida significativos para elas.

A foto abaixo (Figura 6) mostra a primeira comunhão dos filhos de Joana. O padre da foto é irmão dela, fato que torna o momento registrado ainda mais importante e sentimentalmente valoroso. Tal foto apresenta um evento familiar; tais eventos nas imagens fotográficas são “colocados em imagens-narrativas que o tempo ora faz esquecer, ora expõe em minúcias. Tais fotografias exercem a função de registros e testemunhos de um passado experienciado” (GOBBI, 2011, p. 1214), tornando uma realidade vivida e um passado significado de forma individual e também na coletividade da família.

**Figura 6:** Primeira comunhão. Joana com seu irmão padre e seus filhos, 1978



Fonte: Coleção particular de Joana. Fotógrafo: desconhecido.

A dona da fotografia, a senhora Joana, orgulha-se de ter essa foto, como lembrança para mostrar aos seus, afirmando que a foto em questão “significa uma lembrança daquele ato que aconteceu. Como a primeira comunhão dos meus filhos, que eles estavam ali fazendo e eu fiquei feliz. E hoje ter a foto e mostrar para os meus filhos ‘olha, aqui que vocês fizeram a primeira comunhão’” (Entrevista com Joana Manguiera Rolim, 14/10/2019, em Felizardo-CE).

A menina Margarida, de vestido branco, abaixo, revela uma fotografia produto de um cuidado em relação a pose. A criança aparece com trajes de festa, certamente em uma ocasião celebrativa e importante para a família e a criança: a crisma. A menina da foto aparece séria, sem revelar ares de descontração ou diversão, provavelmente por conta da presença do fotógrafo.

**Figura 7:** Crisma de Margarida, filha de Joana, em Sousa, 1973



Fonte: Coleção particular de Joana. Fotógrafo: Agenor.

Diante dessa imagem, percebemos que em meio à preparação da pose e da fotografia temos que levar em consideração a chamada “mediação humana”, que se manifesta “na atuação do fotógrafo no ato de fotografar – na busca de ângulos, de focos, de efeitos de luz e sombra, de balanceamento de cores, na escolha de momentos – e na revelação, ampliação e seleção das imagens” (WUNDER, 2006, p. 4). Isso revela a amplitude e abrangência do ato de fotografar que envolve muitas etapas.

Por se tratar de registrar momentos importantes, a fotografia pode acontecer de forma imprevisível, atendendo ao desejo da pessoa fotografada.

Não, num tinha momento determinado não, chegava gente aqui e dizia: vamos tirar uma foto, vamos registrar isso e isso? Ou a pessoa ia um passeio e tinha um jardinzinho, aí tirava uma foto ali, nas calçadas, nas plantinhas, em cima do carro de Chico, gente da família que chega e diz vamos tirar uma foto (Entrevista com Joana Mangueira Rolim, 14/10/2019, em Felizardo-CE).

Considerando a visão de quem está ou esteve na condição de fotografado, percebemos que a fotografia não é agendada, acontece de acordo com a importância da ocasião e do momento, podendo ser vontade individual ou convencimento entre várias pessoas. Isso traz a ideia da fotografia como partilha e vivência coletiva. Diante disso, compreende-se que “uma fotografia é resultado de um bom e fugaz encontro, previsto ou inesperado, mas também de uma busca, de uma intenção que possibilita ver coisas que poderiam passar despercebidas” (WUNDER, 2006, p. 10).

O desejo de fotografar era recorrente, por isso a existência de muitos fotógrafos para atender uma mesma região: “aqui em Ipaumirim tem Moisés, Zé Alexandre, esse Zé Alexandre tinha quartinho para trabalhar aqui em Ipaumirim” (Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, 10/10/2019, em Ipaumirim-CE). Pelo relato, Zé Alexandre era privilegiado por ter espaço para trabalhar e preparar as fotos, já que grande parte dos fotógrafos trabalhava sem espaço definido, fazendo as fotografias e encaminhando para a edição em uma empresa especializada, por não disporem dos materiais necessários para a edição das mesmas.

Assim, mediante as narrativas dos entrevistados e das notas dos estudiosos aqui selecionadas, podemos dizer que o fotógrafo tem um papel social importante, sendo que “a fotografia, ou as diferentes modalidades de fotografia se definem historicamente em circuitos sociais dos quais participam, como mediadores culturais privilegiados, os fotógrafos” (MAUAD, 2005, p. 46). Nessa perspectiva, o fotógrafo aparece como

mediador cultural, estabelecendo interações entre sujeito, sociedade e cultura através da fotografia, questão que procuramos mostrar nesse capítulo através das sutilezas dessa profissão e seus significados afetivos e sociais no Distrito Felizardo.

## CAPÍTULO 3

### CULTURA HISTORIOGRÁFICA: REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS FOTOGRAFIAS EM FELIZARDO-CE, SEUS USOS E SIGNIFICADOS

#### 3.1 Entre lembrar e esquecer: a fotografia como memória

As pessoas em sociedade manifestam em sua vida a preocupação com a efemeridade das coisas, por isso buscam guardar como for possível marcas e sinais de um tempo vivido, das alegrias experienciadas e dos fatos marcantes. Desde os registros paleontológicos, ou o registro nas tradições orais, poemas, histórias, lendas onde os autores e contadores eram “protagonistas de uma história de experiências e vivências” (SOUSA, 1997, p. 39). Nessa realidade, a fotografia tem espaço cativo, sendo uma forma de guardar momentos que não se deseja esquecer nunca.

O medo do esquecimento faz as pessoas buscarem registrar momentos através das fotografias, tornando os registros em verdadeiros lugares de memórias. Sabe-se que a memória é tomada

como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 366).

Partindo dessa análise podemos compreender que a fotografia cumpre o papel de atualizar as lembranças, a imagem da foto rememora pessoas e fatos e, por isso, faz a função de uma espécie de atualização psíquica dos fatos passados, sendo uma forma de garantir que as pessoas não esqueçam determinadas pessoas e coisas.

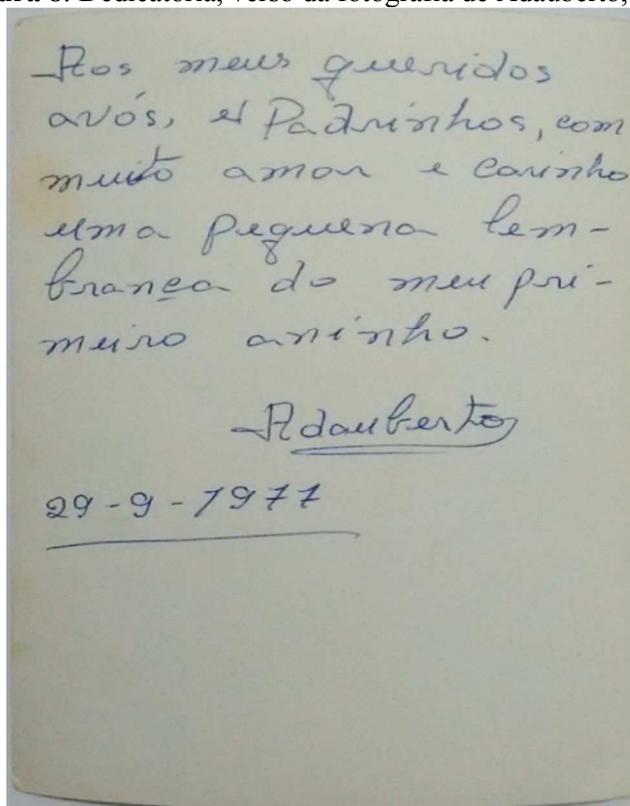
Por isso a fotografia pode aparecer como “uma reconstituição, um fragmento, como a arte prodigaliza, mas o real em estado passado: a um só tempo o passado e o real. [...] a fotografia é toda evidência” (BARTHES, 1984, p. 124), evidência de um tempo, mas também evidência de uma cultura e de um modo de ser e de viver de uma sociedade.

Essa relação de fotografia com a memória pode explicar a constância das pessoas em fotografar momentos que passarão como, por exemplo, a infância, a adolescência, aniversários, batizados, refeições de grau e festas em geral.

Em meio a diversidade de temas, as fotos que retratam a infância têm grande prestígio entre as pessoas, sendo uma forma de guardar uma lembrança dessa fase tão importante e significativa para a vida. Geralmente acontecem por iniciativa do pai e da mãe, com o desejo de guardar vestígios da infância dos seus filhos, mostrar-lhes quando adultos, mas também como uma forma presentear os parentes distantes.

Quando nos debruçamos sobre a leitura das fotografias selecionadas para esse estudo, muitas questões vêm à tona, a exemplo da dedicatória abaixo (Figura 8), na qual vemos que remete a um desejo dos pais de Adauberto, a criança da foto, em presentear os avós com um registro que informa um momento específico de sua vida e infância: a chegada do primeiro ano de vida. A foto aparece como presente, como lembrança e como forma de diminuir a falta de informações em consequência da distância entre os familiares. Diante disso, cabe afirmar que “as fotografias presentificam pessoas ausentes ou fatos do passado, permitindo reviver e construir memórias, ao mesmo tempo em que as selecionam” (GOBBI, 2011, p. 1214), sendo uma forma de compartilhar momentos e aproximar pessoas.

**Figura 8:** Dedicatória, verso da fotografia de Adauberto, 1977



Fonte: Arquivo pessoal de Joana. Fotógrafo: desconhecido.

**Figura 9:** Frente da fotografia de Adauberto, 1977



Fonte: Arquivo pessoal de Joana. Fotógrafo: desconhecido.

Muitas fotos registram cenas do cotidiano das crianças, cenas de lazer, brincadeiras e descanso. Como é o caso da foto abaixo (Figura 10), onde aparece uma criança sentada em uma cena típica de cotidiano familiar.

**Figura 10:** Criança sentada. Distrito Felizardo, 1967



Fonte: Arquivo pessoal de Joana. Fotógrafo: desconhecido.

A foto mostra um filho de Joana Mangureira Rolim, Jânio, de um ano. Sentada em uma cadeira, a criança foi preparada para essa fotografia, pois adornos, como o chapéu que usa, revelam a intenção de pose e preparação para o registro.

As realizações das fotografias acontecem em ambientes variados, além da casa dos fotografados. Nesse meio, a escola é também um espaço privilegiado para a fotografia. Diante disso, cabe refletir sobre o fato de que: “os momentos, quando materializados em fotos diversas, contêm e colocam em suspensão situações memoráveis passadas com as crianças nos espaços educacionais” (GOBBI, 2011, p. 1215). Momentos escolares são vistos como experiências singulares e de extrema importância na vida de crianças e jovens, por isso surge o intuito e desejo de guardar acontecimentos e cenas por meio de fotografias.

A foto abaixo (Figura 11) mostra um desses momentos: foi tirada na escola quando Joana Mangureira Rolim cursava a 5ª série, aos 15 anos de idade. Traz um tom sério e formal, pois foi tirada por influência da equipe pedagógica da escola. Joana afirma que “Essa da quinta série foi porque eles queriam fazer um diplomazinho, aí eu tirei para colocar no diploma e ficar de lembrança” (Entrevista com Joana Mangureira Rolim, 14/10/2019, em Felizardo-CE). Sua fala demonstra que a foto foi uma forma de exibir o diploma referente à conclusão da etapa dos estudos do Ensino Fundamental I.

**Figura 11:** Joana na 5ª série, 1959



Fonte: Arquivo pessoal de Joana Mangureira Rolim. Fotógrafo: Jesus

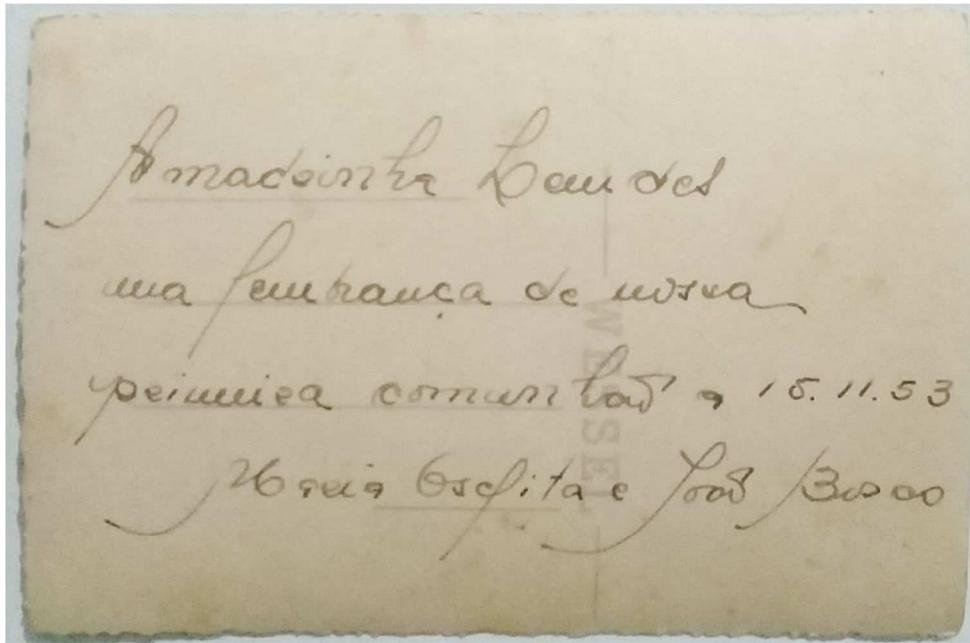
Por vezes, a ideia de lembrança atrelada à fotografia fica tão clara que é citada na própria dedicatória. A foto abaixo (Figura 12) retrata a primeira comunhão de um menino e uma menina, ainda crianças. Certamente seus pais tiveram o desejo de guardar em fotografia esse momento importante nas suas vidas e na de seus filhos, além disso, deram como presente à madrinha das crianças a foto deste evento tão significativo para a família.

**Figura 12:** Primeira comunhão de Maria e João, 1953



Fonte: Arquivo pessoal de Joana Manguiera Rolim. Fotógrafo: Jesus

**Figura 13:** Dedicatória no verso da fotografia de Maria e João, 1953



Fonte: Arquivo pessoal de Joana Manguiera Rolim. Fotógrafo: Jesus

As fotografias são múltiplas em suas características e funções, por isso, ao analisar fotografias tem-se que atuar “como o arqueólogo, o analista está ali para favorecer a emergência, escavar, arranhar, [...] fazer subir à tona” (DUBOIS, 1994, p. 321) os sentidos e significados.

### 3.2 Fotografias e significados em Felizardo-CE

Através das fotos e das dedicatórias acima mostradas, percebemos que cada pessoa pode significar a fotografia de uma forma diferente. Assim, o registro fotográfico aparece como lembrança, como presente dado para pessoas queridas, como forma de guardar o passado. Com a fotografia, “todas as virtualidades são registradas, mas as atualizações na consciência e as relações são feitas pontualmente, de acordo com mil procedimentos que são como tantos filtros (atos falhos, sonhos, lapsos, fantasmas, associações, projeções)” (DUBOIS, 1994, p. 321). Por isso, por trás das fotos temos relações de sentido e de significação que partem da consciência de cada um como produto de suas vivências e experiências.

Toda fotografia é recorte de uma realidade e de momentos, mas os sujeitos podem ver na fotografia um campo maior de elementos e símbolos já que “se é possível

recuperar a vida passada – primeira realidade – e se temos, através da fotografia, uma nova prova de sua existência, há na imagem uma nova realidade, passada, limitada, transposta” (KEIM, 1971, p. 64 *apud* SANTOS JR, 2009, p. 8). As fotografias são limitadas, os sentidos, não.

Enquanto espaço de memória, a fotografia pode adquirir sentidos individuais e sociais pelo fato de que a “memória é o fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também a vida social” (LE GOFF, 2003, p. 419). Assim, uma determinada fotografia pode ter significado individual e social, obedecendo ao fato de que o contexto da foto tem implicações sociais ou individuais.

O sentido de contemplação, de relíquia e de beleza nas fotografias aparece pois estas são feitas para serem observadas, contempladas: “[...] o ato objetivo/de recordar os processos vividos que cada um de nós organiza e reinvoca no passado, do ponto de observação do presente, possui a capacidade de estruturar a experiência num patrimônio utilizável para si e comunicável aos outros” (TEDESCO, 2004, p. 38). Assim sendo, os sentidos da fotografia reorganizam as experiências vividas em um movimento de revisitação e reelaboração de uma realidade vivida.

Tais fotografias são produzidas “geralmente quando a gente se reúne em grupo, naturalmente a gente quer deixar a marca de qualquer ocasião, no caso um grupo em família, um almoço, a gente fotografa o momento e quer deixar como relíquia, como lembrança” (Entrevista com Maria Flaucineide Vieira Chagas, 14/10/2019, em Felizardo-CE). O sentido de fotografia como relíquia pode ser percebido nas fotos abaixo:

**Figura 14:** Família de Nenzinha, 1936



Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinha. Fotógrafo: Desconhecido.

Esta foto (Figura 14) representa uma relíquia de um tempo maravilhoso e nostálgico para a senhora Nenzinha, hoje já idosa e moradora de Ipaumirim. Ela contempla essa fotografia com amor e nostalgia. Nela, Nenzinha conta com 6 anos e posa para a foto com seus avós de criação e irmãos de consideração. A foto tirada no ano de 1936 em Felizardo-CE, fala de relações familiares de afeto e de consideração, mas também fala de uma época vivida em meio a uma infância terna, pois mostra o acolhimento e o amor construído por neta e avós de criação, uma relação de adoção perpassada por muito afeto.

**Figura 15:** Nenzinha, aos 12 anos, ao lado de uma prima, 1942



Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinha. Fotógrafo: Desconhecido.

Tais relações acontecem em um movimento de internalização e exteriorização de significados através da lembrança e da memória, aqui “entendida como estrutura de interiorização e exteriorização de fatos, circunstâncias e vividos organizados, especial e temporalmente, para transmitir ao externo a representação pessoal e/ou coletiva da própria história ou da de outrem” (TEDESCO, 2004, p. 38). Nesse sentido, a fotografia é um elemento que ajuda a contar a história de vida de alguém, ao retratar batizados, primeiras comunhões, e eventos escolares.

Com esse nosso estudo podemos afirmar que as fotografias estabelecem uma cultura em Felizardo-CE, sendo parte de uma forma de viver e de entender as experiências vividas. Nesse sentido, vale destacar que “estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para retornar o processo de rememorar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vividos” (SAMAIN, 1998, p. 22). Desse modo, as fotografias têm usos e funções dentro da sociedade cumprindo funções de lembrança e atualização ligadas à memória.

Mais que realidade concreta, a fotografia é subjetividade e sensibilidade, por isso

apesar de ser a fotografia a própria “memória cristalizada”, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram (KOSSOY, 2001, p. 152).

Partindo dessa ideia, fica claro porque este estudo deteve-se à perspectiva dos próprios donos das fotografias sobre elas, pois são eles que guardam sentimentos e emoções específicas sobre elas. Talvez para outras pessoas elas não signifiquem tanto, já que observadores externos estão fora do contexto de produção e realização da foto.

### 3.3. Significados: fotografia como documento e monumento

Como elementos de memória, as fotografias têm vários significados: “estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador” (LE GOFF, 2003, p. 68). Diante disso, é possível pensar a fotografia como monumento que guarda a memória e a lembrança do passado, e documento ao ser considerado como fonte histórica útil para o historiador.

Essa relação monumento-documento pode ser percebida na foto abaixo (Figura 16), onde temos um casal. Fotografia exposta na sala de Geraldo Biana dos Santos para simbolizar a perenidade de uma união matrimonial, desejo de demonstrar tal sentido a todos que visitam e frequentam a casa. Além de monumento, tornou-se documento ao ser analisada no presente trabalho.

**Figura 16:** Fotografia de Geraldo e a esposa em quadro de parede



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Biana dos Santos.

Partindo dessa ideia, compreende-se que fotografias são documentos e monumentos, falando de um tempo, de um contexto e de várias histórias de vida, representando momentos. As fotos analisadas remetem a vivências ligadas ao espaço rural, à vida modesta de pessoas relativamente simples que fotografavam para lembrar e guardar momentos, que fotografavam por alegria e motivações afetivas.

Há também as fotografias que guardam saudades e, apesar de terem sido feitas em momentos de alegria, remontam tristezas, como é o caso da fotografia abaixo:

**Figura 17:** Criança na mesa, 1975



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Biana dos Santos. Fotógrafo: Geraldo Biana dos Santos.

A fotografia pertence ao fotógrafo Geraldo e sua esposa, foi tirada no Juazeiro do Norte. Na foto aparece a filha do casal quando bebê. Anos após a fotografia, a pequena faleceu. Na foto ela tem alguns meses de vida, foi tirada por Geraldo no ano de 1975. A foto revela não só a saudade dos pais, mas também a cultura de uma época em que era comum deitar as crianças em cima de mesas para posar para fotos, por não terem sofá ou cadeiras mais sofisticadas.

Tais fotografias remontam meados do século XX e início do século XXI, falam essencialmente da vida em suas diversas facetas: infâncias, juventudes, festas, saudades, distâncias, enfim, sociabilidades de uma Felizardo-CE entre os anos de 1930 e 2000.

Para alguns entrevistados, estas fotografias geram satisfação por terem vivido bons momentos, mesmo naqueles que não tem o hábito de olhar fotografias com grande frequência: “eu guardo como lembrança, embora eu não tenha essa atitude de olhar a foto porque eu estou com saudades de fulana, eu não tenho isso, mas quando eu abro, pego e vejo eu fico satisfeita de ter guardado e relembrar os fatos ou as datas que eu passei com essa pessoa” (Entrevista com Maria Flaucineide Vieira Chagas, 14/10/2019, em Felizardo-CE).

As imagens revelam fortes relações de amor e afetividade entre pais que desejam eternizar a infância dos filhos, presentear familiares, encurtar distâncias, compartilhar e eternizar festas religiosas. Assim, as fotografias aparecem com a função de agregar e reunir lembranças e sentimentos entre pessoas, resguardando do passar veloz do tempo o marcante, o triste, o belo e o maravilhoso.

Se a fotografia, para seus possuidores, tem esse papel de reunir significados e de ser espaço de memória e significação, para nós historiadores da cultura ela nos permite compreender uma rede de relações e sentidos ligados que são estabelecidos entre a foto e seu proprietário, assim como entre esses, seu mundo e suas vivências no tempo e no espaço, isso porque a foto fica sendo depósito de momentos e partes da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos e problematizamos a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de 1930 e 2000. Informamos ao leitor que não tivemos o propósito de fazer uma História da Fotografia no Distrito de Felizardo, embora não deixe de contribuir para a mesma.

Entre os anos de 1930 e 2000, no Distrito de Felizardo, tem-se a formação de uma cultura fotográfica alimentada e tecida por sujeitos simples que vêm nas fotos uma forma de guardar momentos alegres e marcantes de suas vidas.

Entre os agentes da cultura fotográfica foram identificados homens e mulheres, alguns de pouca formação escolar, em sua maioria agricultores desejosos de complementar sua renda a partir dos ganhos obtidos na arte de fotografar. Temos também jovens que praticam o ato de fotografar como ofício e por prazer.

A gênese de uma cultura fotográfica em Felizardo, no princípio dos Novecentos, contribuiu de certa forma para a entrada desses nordestinos na chamada “modernidade”. onde a imagem torna-se importante bem como a ação de guardar tais imagens, nesse cenário a câmera fotográfica surge como elemento partícipe do cotidiano das pessoas.

A cultura fotográfica apresentada é múltipla e se fez a partir das subjetividades dos habitantes do Distrito e localidades vizinhas, conferindo sentidos, símbolos e signos às fotos, fazendo-as ultrapassar gerações e épocas, trazendo sentidos e atribuições individuais e sociais.

Entre memória, desejo e sentimento, as fotografias são construídas e significadas; entre usos e funções a cultura fotográfica se coloca como produto das vivências sociais e culturais dos habitantes de Felizardo, em um movimento dinâmico e criativo de sentidos simbólicos do passado e do presente.

Escutar as vozes sobre as fotografias e olhar para as mesmas nos fez pensar o poder simbólico e material na vida e no cotidiano dessas pessoas, que talvez tivessem pouco em termos de posses, mas ricas em vivências.

Por tudo isso percebe-se o caráter multifacetado da fotografia e da cultura fotográfica, onde a foto ocupa a simbologia no espaço de memória e, símbolos, significados e significação, o que permite compreender que a foto está articulada em torno de uma rede de relações e sentidos ligados, entrelaçando a foto, fotógrafo e proprietário da foto, isso porque a foto fica sendo depósito de momentos e partes de uma vida e de vivências sociais.

O presente trabalho não pretendeu apresentar respostas prontas e conclusivas, dada a dimensão do tema e a complexidade das questões discutidas. A intenção deste trabalho é provocar e problematizar os objetivos propostos. Portanto, este trabalho possui relevância social e acadêmica ao trazer contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere à cultura fotográfica no recorte proposto.

O número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão aqui proposta. Surgem novos embates e também muitos novos olhares quando se trata desta temática. Desse modo, a pesquisa em questão tem uma temática fértil em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas pesquisas e trazer novos questionamentos nos estudos sobre Fotografia, História Cultural, Cultura Fotográfica, Memória e História Local.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Lais Tavares de. **“Olha o Passarinho!”**: cultura fotográfica no sertão da paraíba a partir da coleção familiar de um fotógrafo (cajazeiras, 1930-1980). 2017. Monografia (Graduação em História) – Curso de licenciatura plena em História Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.
- BARROS, José Costa D’Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-29, 2010.
- \_\_\_\_\_. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, Canoas, n. 12, p. 129-159, 2012.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. Bauru: Edusc, 2006.
- CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 23-39, 2005.
- \_\_\_\_\_. O fotógrafo, o olhar e história. **História em Revista**, Pelotas, v. 17-18, p. 323-348, 2011.
- CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 50, n. 1, p. 61-101, 2009.
- CARTIER-BRESSON, Henri. O momento decisivo. In: BACELLAR, Mário Clark; STOLLEY, Richard; MYDANS, Carl. **Fotografia e jornalismo**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 1971, p. 19-25.
- CHAGAS, Maria Flaucineide Vieira; ROLIM, Raimunda Vieira. **Em família**. Cajazeiras: Edição do autor, 2004.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

\_\_\_\_\_. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GOBBI, Marcia. Usos sociais das fotografias em espaços escolares destinados à primeira infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, 2011.

GONÇALVES, Rejane Monteiro Augusto. **Cel. João Augusto Lima**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LISSOVSKY, Mauricio; JAGUARIBE, Beatriz. Imagem fotográfica e imaginário fotográfico. **Revista ECO-PÓS**, São Paulo, v. 9, n. 2, 2006.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

\_\_\_\_\_. Flávio Damm, profissão fotógrafo de imprensa: o fotojornalismo e a escrita da história contemporânea. **HISTÓRIA**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 41-78, 2005.

MENESES, Ulpiano T. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

OLIVEIRA, Valter de. Retratos Sertanejos. Uma cultura fotográfica no interior baiano dos anos 1900-1950. **O olho da História**, Salvador, n. 16, 2011.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS JUNIOR, Natalício Batista dos. Fotografia e memória: contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. **Revista Belas Artes**, São Paulo, v. 1, p. 1-17, 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões Postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil - vol. 3**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 423-512.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Cultura de falas e de gestos**: história de memórias. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997. 186f.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 6-17, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercícios de olhar. **Reunião Anual da Associação de Pós**. São Paulo: Unicamp, 2006.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ENTREVISTAS

#### ENTREVISTA 1

10/10/2019

Entrevista com Geraldo Biana dos Santos, dia 10/10/2019, em Ipaumirim-CE.

A. Qual seu nome?

G. Geraldo Biana dos Santos.

A. Qual sua a idade do senhor?

G. 77 anos.

A. Como você teve contato com uma fotografia? Quando foi a primeira vez que o senhor viu uma fotografia?

G. A primeira vez eu não lembro. Eu sei q eu tirei uma em 73. Eu conhecia tudo preto e branco, no começo era no monoculozinho.

A. Quando o senhor era criança ou na adolescência viu alguma fotografia?

G. Não

A. A fotografia que o senhor viu foi sua que alguém tirou ou de outra pessoa?

G. De outra pessoa. Mais de uma pessoa.

A. Como era a fotografia?

G. Preto e branco.

A. Como surgiu seu interesse por trabalhar com fotografia, como o senhor passou a ser fotógrafo?

G. Rapaz, é porque não tinha outra coisa né, eu era da roça aí o menino lá conhecido meu tinha uma maquinazinha e me ensinou como era e eu sai tirando.

A. Esse menino que o senhor conhecia era de sua família ou só amigo?

G. Só amigo.

A. Ele emprestou para o senhor ou só ensinou?

G. Ele me emprestou.

A. O senhor começou a trabalhar com essa câmera emprestada pelo seu amigo?

G. Sim.

A. Durante o período que o senhor trabalhou, usou outras câmeras?

G. Sim. Comprei uma depois em 70 e outra em 80, e 90. Quando dava problema mandava ajeitar e trabalhava de novo com ela.

A. Como era a câmera?

G. Tirava foto colorida e preto e branco, naquele tempo já existia foto colorida.

A. O senhor chegou a fazer algum curso profissionalizante?

G. Não.

A. Quando o senhor começou a fotografar?

G. 1973.

A. E quando parou?

G. Eu sofri um acidente que eu caí de bicicleta aí parei uns tempos, depois continuei. Eu me aposentei e ainda trabalhei, foi até 2005. Eu trabalhava quando eu tinha tempo, eu ia para roça e vinha, quando chegava os domingos e os sábados aí eu trabalhava.

A. Quais os lugares que o senhor costumava ir?

G. Trabalhei aqui no Olho d' Água do Melão, Ipaumirim, Baixio, os cantos que dava certo eu ia, ia para os sítios.

A. O senhor divulgava seu trabalho, saía procurando pessoas que queria tirar foto?

G. Não, eu não procurava ninguém, quem quisesse era que me chamava. Mas eu mesmo sair procurando, eu não procurava.

A. Quais os temas que o senhor fotografou?

G. O que aparecesse eu estava indo. Casamento, batizado, aniversário.

A. Quando o senhor ia tirar a foto, você dizia como as pessoas deveriam ficar?

G. Eles era quem dizia eu quero tirar assim, assim. Aí quando eu via que não estava bem, eu dizia “faz assim um pouquinho”. Às vezes eu mandava dá só uma risadazinha né, mas falava brincando. Eles é quem tirava do jeito que queria. Eu não gostava de está mandando em ninguém não. (Risos).

A. O senhor tirou fotografias para documento?

G. Tirei, o filme que tralhava fazia tudo, era 3x4, 10x15. Era tudo preto e branco, aí quando eu comecei já tinha entrado o colorido.

A. Quanto custava uma fotografia?

G. Era baratinho, naquele tempo quando eu comecei era um conto de réis, um conte de cruzeiro, depois passou para real.

A. Como era o processo para revelar?

G. Levava pro foto, era lá que fazia tudo.

A. Onde o senhor mandava revelar?

G. No Juazeiro, depois em Cajazeiras.

A. Esse amigo do senhor que lhe emprestou, que lhe ensinou e emprestou a câmera, também era fotógrafo?

G. Era, ele quem fazia lá no Juazeiro. Ele tinha um quatinho lá para trabalhar com isso.

A. Como é o nome dele?

G. Não me lembro mais não. Faz anos ele, já morreu.

A. Onde ele morava?

G. No Juazeiro.

A. Sobre os fotógrafos que também trabalharam por aqui, quem o senhor conheceu?

G. Aqui em Ipaumirim foi que nem eu, um já morreu, tem Moisés, Zé Alexandre, esse Zé Alexandre tinha quatinho para trabalhar aqui em Ipaumirim.

A. Os mais antigos, quem o senhor conheceu?

G. Chico Zacarias. Chico Barbeiro, acho que conhece, você num deu uma entrevista com ele não. Lá do Baixio.

A. Não conheço. O senhor sabe onde Chico Zacarias morava?

G. Aqui em Ipaumirim, ele já morreu. Quando eu cheguei aqui ele já estava parando.

A. Como era o nome do estúdio em Cajazeiras que o senhor ia revelar as fotos?

G. Conhecido como seu Luiz. Quando ele morreu ficou a filha e a mulher trabalhando no lugar dele. Mas num existe mais não.

A. O senhor tem alguma fotografia das que o ser tirou de alguém ou da família?

G. Tenho só algumas.

A. O senhor pode mostrar, por favor?

Pausa.

A. Sobre a vida do senhor, quantos filhas você tem?

G. 6 homens e 6 mulheres.

A. Em que ano o senhor se casou?

G. 1964.

A. Em quais lugares o senhor já morou, ou sempre morou aqui?

G. Não, já morei no município de Baixio e no Juazeiro, que meu pai morava lá aí eu fui para lá também.

A. Em que ano o senhor foi morar em Juazeiro?

G. 1973, quando eu comecei a trabalhar com foto.

A. Em que ano o senhor veio morar aqui em Ipaumirim?

G. Em 84.

A. Então, quando o senhor começou a trabalhar como fotógrafo morava no Juazeiro e vinha tirar foto por aqui por perto de Ipaumirim?

G. Era. Eu trabalhava na roça também, aí eu vim morar aqui porque para trabalhar na roça era mais perto. Vamos ver as fotos aqui nos quadros.

## **ENTREVISTA 2**

**11/10/2019**

Entrevista com Josefa Pires, dia 11/10/2019, em Ipaumirim-CE.

A. Bom dia!

J. Bom dia!

A. Qual o nome completo da senhora?

J. Josefa Pires Dias, apelido Nenzinha.

A. Qual sua idade?

J. 89 anos.

A. Onde a senhora nasceu, em quais lugares já morou e com o que trabalhou?

J. Espera aí que vou pegar aqui um papel que eu escrevi sobre mim, para eu lembrar direitinho.

(Pausa)

J. Leia aí para mim.

A. Eu, Josefa Pires Dias, aos 79 anos contarei minha trajetória como professora e catequista neste distrito. Comecei a ensinar com 18 anos, no sítio Minador na escola Inácio Rolim no ano de 1944, ensinando sempre com muito amor, dedicação e paciência, alfabetizando diversas turmas nesta escola. No ano de 1952 passei a ensinar no sítio Cacimbão. Depois de oito anos que já ensinava neste sítio voltei a morar no sítio Minador continuando a ensinar novas turmas, logo depois ensinei no sítio Onça e em seguida, neste distrito. Ensinei particular a escolinha Chapeuzinho Vermelho, uma turma muito importante pra mim. Na minha vida de professora encontrei muitas dificuldades, mas nunca desisti. Na catequese, evangelizei aos catequizandos com muito amor e carinho desde 1948. O catecismo comecei no sítio Minador, depois nos sítios Onça, Cacimbão e neste distrito. Ensinei também no convênio do Mobral, hoje chamado de educação para jovens e adultos, neste mesmo convênio dei aulas de artesanato.

Agora por motivo de saúde não estou ensinando, mas espero ficar boa e continuar. Me dediquei também a pastoral da criança e a pastoral do idoso e até hoje faço parte do grupo do apostolado da oração e sou ministra nesta capela. E foi assim que passei 61 anos da minha vida me dedicando a educar, alfabetizar e evangelizar pessoas neste Distrito de Felizardo.

A. Quando a senhora escreveu isso?

J. Quando foi para me aposentar por tempo de serviço.

A. Onde a senhora nasceu?

J. Nasci no sítio Mufumbo, município de Aurora, morei em alguns sítios, depois no Felizardo e agora moro em Ipaumirim. Me casei com 21 anos. Ensinei em várias escolas. Eu estudei até o normal e sempre ensinei, eu ensinava até a quarta série. Até hoje meus alunos quando me veem falam comigo.

A. A senhora só ensinou em escola pública?

J. Eu ensinei em escola pública e na minha escolinha, tinha uma escolinha que se chamava Chapeuzinho Vermelho.

A. Sobre as fotografias, quando a senhora teve contato pela primeira vez com uma fotografia, que a senhora lembra?

J. A primeira vez só da nossa família mesmo né, que meus pais me mostravam.

A. Eles tinham fotos deles mesmos?

J. Tinha, mas eu não tenho.

A. Eles tiraram fotos suas quando você era criança?

J. Tiraram essa que te mostrei.

A. Sua mãe costumava guardar as fotos?

J. Guardava, ela guardava umas fotos.

A. Quais os tipos de fotos que a senhora tem?

J. Tem vários jeitos. Da escolinha, de batizado, aniversário, casamento, da igreja, da coroação, da primeira comunhão.

A. E do seu casamento, a senhora tem?

J. Tem não porque o casamento ele marcou com o padre aí o casamento foi a noite não tinha como tirar foto.

A. A senhora me mostrou algumas fotos, essas fotos foram tiradas por quem?

J. Com as pessoas que tiravam foto lá no Felizardo.

A. Quem eram essas pessoas?

J. Noel, Maria José, Leuzete, mas essa das meninas já são de agora das máquinas que elas tinham, Noel são as mais antigas.

A. Por que que a senhora mandou tirar essas fotos?

J. Para deixar de lembrança né.

A. O que essas fotos significam para a senhora?

J. Significado para os pais saberem quem era a catequista, conhecerem as crianças, saberem como foi a catequese, como não foi. Tirava para lembrar depois e para dar também as fotos para os pais, para família.

A. O que essas fotos significam hoje para a senhora?

J. Muitas lembranças.

A. Das pessoas que tiraram as fotos, teve alguma de outro lugar? De Cajazeiras?

J. Não.

A. E as fotos que a senhora recebeu de outras pessoas, como de seus familiares, dos seus alunos da catequese, o que essas fotos significam para a senhora?

J. Significam uma lembrança né.

A. Obrigada pela atenção da senhora.

J. De nada.

### **ENTREVISTA 3**

**14/10/2019**

Entrevista com Joana Manguiera Rolim, dia 14/10/2019, em Felizardo-CE.

A. Qual o nome completo da senhora?

JMR. Joana Manguiera Rolim.

A. Qual a sua idade?

JMR. 75 anos.

A. Onde a senhora nasceu?

JMR. No sítio Cajazeirinha, aqui mesmo em Felizardo.

A. A senhora morou em outro lugar?

JMR. Em Várzea Alegre, fui com sete anos e depois que casei vim morar aqui.

A. Quais são os fotógrafos que a senhora conheceu que trabalharam aqui no Felizardo?

JMR. Jesus e Noel.

A. A senhora tem alguma foto que ele tirou?

JMR. Tirei a da minha quinta série, essa que tem no quadro.

A. Quantos anos a senhora tinha na foto?

JMR. 15 anos.

A. Em qual lugar foi tirada a foto?

JMR. Em Várzea Alegre. Na casa dele.

A. Tem algum outro fotógrafo que a senhora conheceu?

JMR. Tem seu Geraldo de Ipaumirim.

A. A senhora pode falar um pouco da sua trajetória de vida?

JMR. Eu estudei a quinta série em pouco tempo, era seis meses um e seis meses outro, era reduzido, sabe como é? Era assim, primeira e segunda tudo junta, depois segunda e terceira e quarta e quinta. Eu fiquei ajudando minha mãe dentro de casa até quando eu me casei, e depois do casamento eu passei a trabalhar como costureira e nos serviços de casa mesmo.

A. Sobre as fotografias, a senhora já mostrou que tem várias fotografias, como a senhora conseguiu todas elas?

JMR. Essa da quinta série foi porque eles queriam fazer um diplomazinho, aí eu tirei para colocar no diploma e ficar de lembrança.

A. Qual o significado dessa foto para a senhora?

JMR. Mulher, tem né, porque é um lembra de quando eu era jovem, porque eu não tinha outra foto de quando eu era criança, hoje ela é muito importante para mim porque é uma recordação da minha juventude.

A. E as outras fotos?

JMR. Eu também recebi de sobrinhos, parentes, amigos, primos, de casamento, outras de formatura, outras não. Todas são lembranças para mim.

A. E as fotos da caixinha que a senhora me mostrou que era da sua mãe, que hoje é sua, todas as fotos que tem nela eram de sua mãe ou tem fotos suas?

JMR. Tem de minha mãe e depois que eu recebi dela quando ela faleceu eu coloquei algumas.

A. Qual era o nome de sua mãe e onde ela morava?

JMR. Ela nasceu aqui e foi embora quando já tinha menino, ela foi morar em alguns lugares, Várzea Alegre e depois Sousa, ela morreu em Sousa.

A. Quais outros momentos que a senhora teve a oportunidade de tirar fotos?

JMR. Antes deu me casar lá em casa foi tirada foto minha pelo meu irmão Chico, era uma fotinha que estava a família todinha, acho que você lembra! Eu tirei pouquíssimas foto, nem quando eu me casei em 1965 não houve foto, não tinha fotógrafo, não tinha celular, não tinha essas coisas não. Eu vim ter foto de casamento nas bodas de ouro. Minhas fotos são poucas.

A. E dos seus filhos, a senhora chegou a tirar?

JMR. Dos meus filhos eu tirei.

A. Que momentos a senhora privilegiava para tirar uma foto?

JMR. Não, num tinha momento determinado não, chegava gente aqui e dizia: vamos tirar uma foto, vamos registrar isso e isso? Ou a pessoa ia um passeio e tinha um jardinzinho aí tirava uma foto ali, nas calçadas, nas plantinhas, em cima do carro de Chico, gente da família que chega e diz vamos tirar uma foto, tu sabe que hoje qualquer coisa o povo diz “vamos tirar uma foto?”.

A. O que essas fotos significam hoje para senhora?

JMR. Significa uma lembrança daquele ato que aconteceu. Como a primeira comunhão dos meus filhos, que eles estavam ali fazendo e eu fiquei feliz. E hoje ter foto e mostrar para os meus filhos “olha aqui que vocês fizeram a primeira comunhão”. Algumas tem um momento especial da gente querer guardar para depois ter para quem mostrar aquele período né, da primeira comunhão, de minhas bodas de ouro.

A. Obrigada pela disponibilidade e atenção.

JMR. De nada

## **ENTREVISTA 4**

**14/10/2019**

Entrevista com Felizardo Guedes Vieira, dia 14/10/2019, em Felizardo-CE.

A. Boa tarde!

FGV. Boa tarde!

A. Qual o seu nome?

FGV. Meu nome é Felizardo Guedes Vieira.

A. Qual sua profissão, em que o senhor já trabalhou?

FGV. Já trabalhei na fiscalização do Estado, na secretaria da fazenda, no posto fiscal, aqui no Felizardo, em Ipaumirim na prefeitura, juntei meu tempo de serviço e me aposentei. Também cuidei de roça, mandava plantar, aquela coisa toda, toda vida gostei de criar gado, nunca fui de trabalhar na roça, porque eu não tinha coragem de trabalhar, a minha coragem era só de receber o que o pessoal recebia (Risos).

A. Em relação a política, o senhor falou que já trabalhou...

FGV. Já trabalhei como vereador 3 anos com Dr. Miraneuldo e depois com Dr. Jarismar.

A. Minha pesquisa, como já te expliquei, é sobre a cultura fotográfica no Felizardo. O que o senhor se recorda sobre os fotógrafos que atuaram no Felizardo e sobre as fotografias? Como eram?

FGV. O primeiro que eu conheci foi Jesus, acho que ele morava no Baixio, esse não veio do céu, veio do Baixio (Risos). Depois teve Maria José, e depois Leozete, elas compraram uma máquina e tiravam fotos, a gente via uma vez ou outra, mas isso já era de agora mais recente, sabe, Jesus era mais constante aqui porque papai chamava muito ela para vim tirar fotos nas missas que o padre Carlos celebrava aqui. Aí muita gente tirava foto ali pela igreja quando ele vinha, aparecia por aqui. A renda dele era só essa.

A. O senhor já tirou fotos com ele?

FGV. Já, esse retrato que você viu eu sentado, acho que eu sou o mais bonito (risos), não sou? (Risos) Então, ali foi tirado com Jesus.

A. Qual a câmera que ele usou? O senhor lembra?

FGV. Era aquela máquina dele, acho que foi a primeira que inventaram, que chamava máquina sanfona, em cima de um tripé, um quadrado em cima do tripé de lado da máquina um fole, um negócio que botava na mão e cobria o braço todinho, ele fazia não sei o que lá dentro daquela máquina, sei que ele cutucava por lá e depois o retrato saía, depois que o retrato saía ele botava em uma bacia com água, não sei para que é que ele fazia aquilo, se era para dar cor.

A. A foto era colorida ou preto e branco?

FGV. Não, era preto e branco, nessa época não existia... preto e branco, colorido veio aparecer de poucos anos para cá. Nesse tempo era só preto e branco. Ele colocava o papel dentro da água para aparecer a imagem. Esse papel grosso de imagem, está entendendo?

A. Quais poses vocês tiravam as fotos?

FGV. A pose que eu me lembro era essa que você viu, eu estava sentando com as meninas, eu sentado e as meninas em pé.

A. Quando vocês se organizavam para tirar as fotos ele dizia como vocês tinham que ficar?

FGV. Eu me lembro que mamãe me arrumou e me botou lá para ele tirar a foto. Tinha várias posições, a nossa foi mamãe que escolheu e ele tirou, não me lembro muito disso não. O fotógrafo dizia olha bem para a máquina e não bata os olhos.

A. Você lembra quanto custava a fotografia?

FGV. Não, isso era com mamãe e papai.

A. Sobre o surgimento do Felizardo, o que o senhor lembra?

FGV. O meu avô se chamava Vicente Felizardo, papai era vereador em Baixio na época, todas as quartas-feiras ele ia a cavalo para o Baixio para assistir reunião. Em 1938 ele botou um projeto na câmara em Baixio passando isso aqui chamava-se Olho D'água do Melão, como nosso avô veio do Sítio Melão, ele aproveitou o nome do pai dele, botou o nome de Distrito Felizardo.

A. Como era o Felizardo em 1938?

FGV. Era o seguinte, quando Ipaumirim passou a ser cidade, o primeiro prefeito foi o finado Luiz Nobrega, depois o segundo foi Expedito Dantas, eles começaram a calçar as ruas. No começo aqui era só casa de taipa, aí quando o engenheiro chegou para construir a estrada, Sebastião de Nobrega, veio e construiu 10 casas de taipa para alojar o pessoal que trabalhava com ele, só tinha uma rua, papai já morava aqui, a parede do açude foi construída pelo meu avô em 1915, em 1942 veio o pessoal da DNR e construíram a ponte. Sebastião da Nobrega, que era o engenheiro, queria colocar o sangradouro lá naquela baixa em baixo do hotel, papai também aceitou, mas pediu Nutinho e pediu Herculano, que eram os donos dessa represa, não aceitaram porque lá pegava muita água e acaba com as baixas deles. Tu sabe como era que meu avô carregava a terra para construir a parede desse açude?

A. Não.

FGV. Com couro de boi, arrastado com boi puxando o couro com as terras e com jumento com caixotinhos derramando a terra, assim terminaram a parede, mas ficou estreita demais para os carros passarem, aí quando foi em 1942 o DNR vieram para inaugurar.

A. Quando construíram a escola?

FGV. Já foi pra cá, o colégio foi construído no governo de Ademar Barbosa, em 1954. O finado Zeca doou o terreno e ele construiu aquele colégio.

A. Onde o senhor nasceu?

FGV. Aqui no Felizardo, onde papai morava na primeira casa, lá perto do Campo. Tem 84 anos que moro aqui.

A. Obrigada pela colaboração.

FGC. De nada.

## ENTREVISTA 5

14/10/2019

Entrevista com Maria Flaucineide Vieira Chagas, dia 14/10/2019, em Felizardo-CE.

A. Olá! Boa tarde!

MFVC. Boa tarde!

A. Qual o nome completo da senhora?

MFVC. Maria Flaucineide Vieira Chagas. Apelido Cineide.

A. A senhora pode me informar sobre a história do Felizardo e dos fotógrafos que atuaram por aqui?

MFVC. Algumas coisas você já sabe porque leu o livro que escrevi com minha irmã. Meus primeiros ensinamentos foi com minha mãe, na única escola que tinha em Felizardo, escola isolada de Felizardo, fui alfabetizada aqui, com a morte dela fui estudar em Cajazeiras-PB. Estudei em Cajazeiras, Crato-CE, Fortaleza-CE e depois de formada fui trabalhar em escritório por 10 anos, depois como professora, na Previdência Social, e me aposentei. Morei 42 anos em Fortaleza, com a morte do meu esposo vim morar em Felizardo na casa de meu pai, fui vereadora 3 vezes e vice-prefeita por 4 anos, ajudei nas festas juninas, nas quadrilhas e até hoje ajudo o povo.

A. Sobre as fotografias: a senhora fotografou alguns momentos de sua vida?

MFVC. Geralmente quando a gente se reúne em grupo, naturalmente a gente quer deixar a marca de qualquer ocasião, no caso um grupo em família, um almoço, a gente fotografa o momento e quer deixar como relíquia, como lembrança. Por exemplo, o momento estudantil a gente fotografa para deixar a lembrança do grupo de colegas, na política a mesma coisa, a gente fotografa para a marca daquele momento que a gente se

reuniu. Então todas as fotografias que eu tenho em grupo são exatamente marcas de dados de passagem da vida que a gente passa e quer deixar fotografado, é uma revivência da vida.

A. A senhora tem fotografias que pediu para um fotógrafo fazer e outras que recebeu?

MFVC. Eu nunca pedi para tirar foto minha, nunca pedi. Mas quando eu estava em grupo aí o povo tira, é tanto que eu nem me lembro de ter pago nenhuma foto dessas porque chega a ocasião aparece o fotógrafo e a gente tira as fotos, que são relíquias que a gente tem do passado, dos amigos e daquela ocasião.

A. Por que você guarda fotografias?

MFVC. Porque eu tenho mania de guardar as coisas, mania de guardar coisas antigas que me dão e tenho pena de jogar fora.

A. Além da mania de guardar, elas têm algum significado para a senhora?

MFVC. Tem muito, porque geralmente quem dão são pessoas amigas e que eu tenho pena de destruir, tem umas aí se acabando e eu não tenho coragem de destruir, de me desfazer, porque todas essas pessoas passaram pela minha vida, e aí eu guardo com maior carinho. Eu guardo como lembrança, embora, eu não tenha essa atitude de olhar a foto porque eu estou com saudades de fulana, eu não tenho isso, mas quando eu abro, pego e vejo, eu fico satisfeita de ter guardado e relembrar os fatos ou as datas que eu passei com essa pessoa. É uma coisa comum da vida pessoal de cada um.

## **APÊNDICE B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)”**, coordenado pelo professora **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA** e vinculado ao **Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Licenciatura Plena em História, Campus de Cajazeiras-PB.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo “Apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de (1930-2000)”, Discutir a relação entre história e fotografia, compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, Analisar a fotografia em suas construções culturais e subjetivas no distrito de Felizardo- CE (1930-2000). E se faz necessário por este trabalho possui relevância social e acadêmica, sendo uma importante contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000). O número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão proposta nessa pesquisa. Surgem novos embates e também muitos novos olhares, quando se trata desta temática. Desse modo, a pesquisa em questão tem uma temática fértil em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas e pesquisas e trazer novos questionamentos.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: serão feitas entrevistas gravadas e depois de realizadas as entrevistas todo o material coletado das gravações será transcrito. As entrevistas serão realizadas com 5 pessoas em suas residências, escolhidas considerando que viveram nos recortes espaço/temporais feitos para possibilitar o estudo.

Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às

rememorações necessárias para responder as perguntas, caso aconteça; será minimizado pela pesquisadora fazendo uma pausa para recuperação emocional do participante ou em comum acordo discutindo a melhor maneira de resolver a situação. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000).

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá ser indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**

**Instituição: UFCG-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

**Endereço: Rua Sergio Morreeira de Figueredo – Casas Populares-Cajazeiras-PB. Ambiente dos professores-sala 13. Pela manhã: (Segunda a quinta)**

**Telefone: 83-99917-7771**

**Email: sv\_sil@hotmail.com**

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**Email: cep@cfp.ufcg.edu.br**

**Tel: (83) 3532-2075**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Ipauimirim-CE, 10, de outubro de 2019

Silvan J. de Jesus

Assinatura do pesquisador responsável.

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.





CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E IMAGEM

Pelo presente termo AUTORIZO expressamente e sem ônus financeiro o uso de minha imagem, fotos e nome. (pesquisadores envolvidos; pesquisador responsável orientadora **PROF. DRª. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, discente: **MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO**) do projeto de pesquisa intitulado “**CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)**” a analisar e digitalizar as fotos que se façam necessárias.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos para fins científicos e de estudos obedecendo ao que está previsto: fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

Ipaueminim-CE de 30 de Outubro de 2019

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do pesquisador responsável.

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)”**, coordenado pelo professora **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA** e vinculado ao **Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Licenciatura Plena em História, Campus de Cajazeiras-PB.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo “Apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de (1930-2000)”, Discutir a relação entre história e fotografia, compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, Analisar a fotografia em suas construções culturais e subjetivas no distrito de Felizardo- CE (1930-2000). E se faz necessário por este trabalho possui relevância social e acadêmica, sendo uma importante contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000). O número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão proposta nessa pesquisa. Surgem novos embates e também muitos novos olhares, quando se trata desta temática. Desse modo, a pesquisa em questão tem uma temática fértil em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas e pesquisas e trazer novos questionamentos.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: serão feitas entrevistas gravadas e depois de realizadas as entrevistas todo o material coletado das gravações será transcrito. As entrevistas serão realizadas com 5 pessoas em suas residências, escolhidas considerando que viveram nos recortes espaço/temporais feitos para possibilitar o estudo.

Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às lembranças necessárias para responder as perguntas, caso aconteça; será minimizado

pela pesquisadora fazendo uma pausa para recuperação emocional do participante ou em comum acordo discutindo a melhor maneira de resolver a situação. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000).

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá ser indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**

**Instituição: UFCG-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

**Endereço: Rua Sergio Morreeira de Figueredo – Casas Populares-Cajazeiras-PB. Ambiente dos professores-sala 13. Pela manhã: (Segunda a quinta)**

**Telefone: 83-99917-7771**

**Email: sv\_sil@hotmail.com**

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**Email: cep@cfp.ufcg.edu.br**

**Tel: (83) 3532-2075**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo e autorizo a realização da pesquisa e divulgação dos dados obtidos neste estudo.

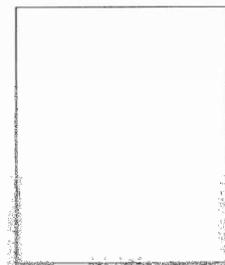
Ipauemirim, 13, de outubro de 2019

Silvia Jane de Souza

Assinatura do pesquisador responsável.

Josefa Pires Pias

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.





CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E IMAGEM**

Pelo presente termo AUTORIZO expressamente e sem ônus financeiro o uso de minha imagem, fotos e nome, (pesquisador responsável/professor responsável/autoridade) **PROF. DRª SILVANA VIEIRA DE SOUZA, discente: MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO** do projeto de pesquisa intitulado “CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)” a analisar e digitalizar as fotos que se façam necessárias.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos para fins científicos e de estudos obedecendo ao que está previsto: fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

Campaná, 11 de outubro de 2019

*Silvana de Souza*

Assinatura do pesquisador responsável.

*Josefa Lins Dias*

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)”** , coordenado pelo professora **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA** e vinculado ao **Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Licenciatura Plena em História, Campus de Cajazeiras-PB.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo “Apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de (1930-2000)”, Discutir a relação entre história e fotografia, compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, Analisar a fotografia em suas construções culturais e subjetivas no distrito de Felizardo- CE (1930-2000). E se faz necessário por este trabalho possui relevância social e acadêmica, sendo uma importante contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000). O número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão proposta nessa pesquisa. Surgem novos embates e também muitos novos olhares, quando se trata desta temática. Desse modo, a pesquisa em questão tem uma temática fértil em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas e pesquisas e trazer novos questionamentos.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: serão feitas entrevistas gravadas e depois de realizadas as entrevistas todo o material coletado das gravações será transcrito. As entrevistas serão realizadas com 5 pessoas em suas residências, escolhidas considerando que viveram nos recortes espaço/temporais feitos para possibilitar o estudo.

Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às lembranças necessárias para responder as perguntas, caso aconteça; será minimizado

pela pesquisadora fazendo uma pausa para recuperação emocional do participante ou em comum acordo discutindo a melhor maneira de resolver a situação. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000).

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá ser indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**

**Instituição: UFCG-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

**Endereço: Rua Sergio Morreeira de Figueredo – Casas Populares-Cajazeiras-PB. Ambiente dos professores-sala 13. Pela manhã: (Segunda a quinta)**

**Telefone: 83-99917-7771**

**Email: sv\_sil@hotmail.com**

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**Email: cep@cfp.ufcg.edu.br**

**Tel: (83) 3532-2075**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos nesta pesquisa.

Felizardo, 14, de outubro de 2019

Selma J. de Souza

Assinatura do pesquisador responsável.

Joana Manguera Polim

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.





CFP/CAMPUS - CAIAZEIRAS, PA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E IMAGEM**

Pelo presente termo AUTORIZO expressamente e sem ônus financeiro o uso de minha imagem, fotos e nome. (pesquisadores envolvidos; pesquisador responsável orientadora PROF. DRª. SILVANA VIEIRA DE SOUSA, discente: MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO) do projeto de pesquisa intitulado: "CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO BELIZANDI-CE (1930-2017)" e qualquer outra finalidade que se apresentar ligada a mesma. Ao mesmo tempo, libero e autorizo todos os dados para sua utilização e de serem compartilhados em que está previsto: sem especificar de inserir as informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

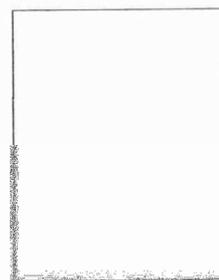
Felizardo, 14 de outubro de 2019

*Silvana J. de S.*

Assinatura do pesquisador responsável.

*Ysara Mangueira Rolim*

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)”**, coordenado pelo professora **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA** e vinculado ao **Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Licenciatura Plena em História, Campus de Cajazeiras-PB.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo “Apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de (1930-2000)”, Discutir a relação entre história e fotografia, compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, Analisar a fotografia em suas construções culturais e subjetivas no distrito de Felizardo- CE (1930-2000). E se faz necessário por este trabalho possui relevância social e acadêmica, sendo uma importante contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000). O número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão proposta nessa pesquisa. Surgem novos embates e também muitos novos olhares, quando se trata desta temática. Desse modo, a pesquisa em questão tem uma temática fértil em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas e pesquisas e trazer novos questionamentos.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: serão feitas entrevistas gravadas e depois de realizadas as entrevistas todo o material coletado das gravações será transcrito. As entrevistas serão realizadas com 5 pessoas em suas residências, escolhidas considerando que viveram nos recortes espaço/temporais feitos para possibilitar o estudo.

Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às lembranças necessárias para responder as perguntas, caso aconteça; será minimizado

pela pesquisadora fazendo uma pausa para recuperação emocional do participante ou em comum acordo discutindo a melhor maneira de resolver a situação. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000).

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá ser indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**

**Instituição: UFCG-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

**Endereço: Rua Sergio Morreeira de Figueredo – Casas Populares-Cajazeiras-PB. Ambiente dos professores-sala 13. Pela manhã: (Segunda a quinta)**

**Telefone: 83-99917-7771**

**Email: sv\_sil@hotmail.com**

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**Email: cep@cfp.ufcg.edu.br**

**Tel: (83) 3532-2075**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo, autorizar a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Felipe, 14, de outubro de 2019

Silvan J. de Souza

Assinatura do pesquisador responsável.

Antonio Marcos Vieira

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.





CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E IMAGEM

Pelo presente termo AUTORIZO expressamente e sem ônus financeiro o uso de minha imagem, fotos e nome. (pesquisadores envolvidos: pesquisador responsável orientadora PROF. DRª SILVANA VIEIRA DE SOUSA, discente: MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO) do projeto de pesquisa intitulado “CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)” a analisar e digitalizar as fotos que se façam necessárias.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos para fins científicos e de estudos obedecendo ao que está previsto: fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

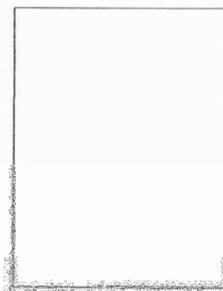
Felizardo, 14 de outubro de 2019

Silvana Jan. de Sousa

Assinatura do pesquisador responsável.

Felizardo Gacendes Vieira

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)”**, coordenado pelo professora **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA** e vinculado ao **Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Licenciatura Plena em História, Campus de Cajazeiras-PB.**

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo “Apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de (1930-2000)”, Discutir a relação entre história e fotografia, compreender a fotografia inserida em uma rede de sentidos e significados individuais e sociais, Analisar a fotografia em suas construções culturais e subjetivas no distrito de Felizardo- CE (1930-2000). E se faz necessário por este trabalho possui relevância social e acadêmica, sendo uma importante contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000). O número de pesquisas historiográficas na área de cultura vem crescendo nos últimos tempos, o que atesta a relevância da discussão proposta nessa pesquisa. Surgem novos embates e também muitos novos olhares, quando se trata desta temática. Desse modo, a pesquisa em questão tem uma temática fértil em produções científicas em geral, sendo uma possibilidade para inspirar novas e pesquisas e trazer novos questionamentos.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: serão feitas entrevistas gravadas e depois de realizadas as entrevistas todo o material coletado das gravações será transcrito. As entrevistas serão realizadas com 5 pessoas em suas residências, escolhidas considerando que viveram nos recortes espaço/temporais feitos para possibilitar o estudo.

Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às lembranças necessárias para responder as perguntas, caso aconteça; será minimizado

pela pesquisadora fazendo uma pausa para recuperação emocional do participante ou em comum acordo discutindo a melhor maneira de resolver a situação. Os benefícios da pesquisa serão: contribuição para a historiografia local de Felizardo-CE, onde são raras as pesquisas que contemplem aspectos da cultura e da sociedade local, especialmente no que se refere a cultura fotográfica no recorte proposto (1930-2000).

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá ser indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: DR<sup>a</sup>. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**

**Instituição: UFCG-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

**Endereço: Rua Sergio Morreeira de Figueredo – Casas Populares-Cajazeiras-PB. Ambiente dos professores-sala 13. Pela manhã: (Segunda a quinta)**

**Telefone: 83-99917-7771**

**Email: sv\_sil@hotmail.com**

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**Email: cep@cfp.ufcg.edu.br**

**Tel: (83) 3532-2075**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

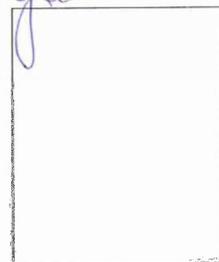
Silvia, 14, de outubro de 2019

Silvia Jan do Lou-

Assinatura do pesquisador responsável.

Maria Flávia de Viveira Chagas

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.





CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E IMAGEM

Pelo presente termo AUTORIZO expressamente e sem ônus financeiro o uso de minha imagem, fotos e nome. (pesquisadores envolvidos; pesquisador responsável orientadora **PROF. DR. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**, discente: **MARIA ALANE OLIVEIRA RIBEIRO**) do projeto de pesquisa intitulado “**CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000)**” a analisar e digitalizar as fotos que se façam necessárias.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos para fins científicos e de estudos obedecendo ao que está previsto: fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

Felizardo, 14 de outubro de 2019

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do pesquisador responsável.

Maria Alane Oliveira Ribeiro

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário.



## ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM  
PESQUISA (CEP) – CFP/UFMG

UFMG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE  
CAIAZEIRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CULTURA FOTOGRÁFICA NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1930 - 2000).

Pesquisador: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 20089919.1.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.595.603

## Apresentação do Projeto:

O objetivo da pesquisa é compreender a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de 1930-2000, analisando a relação entre história e fotografia. A proposta metodológica é pautada na uso de técnicas, técnicas e História Oral para a construção de acervos fotográficos. Nessa perspectiva, serão feitas entrevistas gravadas e depois de realizadas as entrevistas todo o material coletado das gravações será transcrito. As entrevistas serão realizadas com 4 pessoas em suas residências, escolhidas considerando que viveram nos recortes espaço/temporais feitos para possibilitar o estudo.

## Objetivo da Pesquisa:

Apresentar e problematizar a cultura fotográfica no Distrito de Felizardo-CE entre os anos de 1930-2000.

## Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às lembranças necessárias para responder as perguntas, caso aconteça; será minimizado pela pesquisadora fazendo uma pausa para recuperação emocional do participante ou em comum acordo discutindo a melhor maneira de resolver a situação. Já os

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Albuquerque, s/n  
Bairro: Casas Populares CEP: 53.900-000  
UF: PB Município: CAIAZEIRAS  
Telefone: (83) 3532-2075 E-mail: cfp@ufcpg.edu.br

**UFCG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE  
CAJAZEIRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Comissão de Parecer: 0.752.972

Integração local de Fortaleza-CE, além da referencial de estudos e pesquisas especialmente no que se refere a cultura teatral,

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto de trabalho em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Resumo do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Considerações sobre a pesquisa e o trabalho de conclusão de curso (TCC) em relação ao tema proposto. O projeto de trabalho em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar a percepção dos professores sobre a cultura teatral em Fortaleza-CE. O projeto de trabalho em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar a percepção dos professores sobre a cultura teatral em Fortaleza-CE.

Considerações sobre o projeto de trabalho em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Considerações sobre o projeto de trabalho em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em relação ao tema proposto. O projeto de trabalho em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar a percepção dos professores sobre a cultura teatral em Fortaleza-CE.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BASICAS DO PROJETO_1428948.pdf	02/09/2019 22:12:51		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	02/09/2019 22:10:50	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Outros	termoresultados.pdf	02/09/2019 21:52:35	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Outros	termodecompromissodospesquisadores.pdf	02/09/2019 21:37:48	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Outros	termodeusodeimagem.doc	02/09/2019 21:30:14	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento	TCLE.docx	02/09/2019 20:22:18	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosito.pdf	02/09/2019	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n  
Bairro: Casas Populares CEP: 58.900-000  
UF: PB Município: CAJAZEIRAS  
Telefone: (83)3532-2075 E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

UFCG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE  
CAJAZEIRAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Contribuição do Parecer: 3.595,80

Polha de Rocio	folhaderoso.pdf	21:19:26	SCUSA	Aceito
----------------	-----------------	----------	-------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessária Apreciação da CONEP:**

Não

CAJAZEIRAS, 21 de Setembro de 2018.

Assinado em  
2018 Setembro de 2018  
[Assinatura]

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n  
Bairro: Casas Populares CEP: 58.900-000  
UF: PB Município: CAJAZEIRAS  
Telefone: (83)3532-2075 E-mail: cep@cip.ufcg.edu.br